

Cadernos do ILP

Ano I - Nº05

Escrita em Movimento: Antologia de autores da oficina de escrita do ILP — 2008 —



ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA



Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

ESCRITA EM MOVIMENTO

Antologia de Autores
da Oficina de Escrita do ILP

Organização
Tereza Isabel de Carvalho



Conselho Editorial:

Roberto Eduardo Lamari

Desirée Sepe de Marco

Maurílio Maldonado

Márcia de Carvalho Stamato

Fernando Coelho

Humberto Dantas

Jorge Boueri

Marco Aurélio Nogueira

Milton Lauherta

Patrícia Rosset

Wagner Iglecias

Sumário

Ensaaios

Sim às pesquisas com células-tronco

Gaspar Bissolotti Neto / 11

Progresso ou retrocesso humano?

Isaac Soares Bastos / 11

A vida e seus encontros

Eliseu Visconti Neto / 12

Desencontro

Gaspar Bissolotti Neto / 12

Desencontro

Maurício de Sá Malfate / 13

A vida desencontrada dos elétrons

Mariana Mendes / 14

Desencontros das consciências

Vanessa Ramos / 14

A Senha e o Sonho

Maurício de Sá Malfate / 15

Quem mente mais e melhor?

Márcia Stamato / 16

A mulher e a mentira

Gaspar Bissolotti Neto / 17

Sem título ainda

Mariana Mendes / 18

Verdades

Isaac Soares Bastos / 18

A mulher além do óbvio

Vanessa Ramos / 19

Verdades

Maurício de Sá Malfate / 19

O culto à desgraça

Eliseu Visconti Neto / 20

Somos coisas?

Irene Thal Brambilla / 21

Crônicas

O popular, esse anônimo genial

Eliseu Visconti Neto / 25

O centro

Isaac Soares Bastos / 25

A história de Jô

Gaspar Bissolotti Neto / 26

Ô mamãe, posso ir?

Eliseu Visconti Neto / 27

Mineirices

Márcia Stamato / 28

Calor humano

Isaac Soares Bastos / 29

Devagar, devagarinho

Gaspar Bissolotti Neto / 30

Engarrafado

Irene Thal Brambilla / 30

Eu adoro congestionamento

Gaspar Bissolotti Neto / 30

Cronicar: verbo conjuntivo direto

Fernanda Otero / 31

É mais uma santa brasileira, meu povo!

Gaspar Bissolotti Neto / 32

Liberdade. Liberdade?

Fernanda Otero / 32

Na Avenida Paulista

Márcia Stamato / 35

Fotonovela

Irene Thal Brambilla / 36

A crônica que não escrevi

Eliseu Visconti Neto / 36

Contos

Um local estranho

Gaspar Bissolotti Neto / 41

O amor em conto de um encontro

Vanessa Ramos / 42

Natureza Morta

Márcia Stamato / 44

Vovó em Teresópolis

Eliseu Visconti Neto / 46

Uma vida

Isaac Soares Bastos / 47

Urbana da roça

Márcia Stamato / 49

Planta sem raiz

Maurício de Sá Malfate / 53

Cunhado querido!

Irene Thal Brambilla / 54

Reflexo, ponto de partida

Mariana Mendes / 55

A decisão mais acertada

Márcia Stamato / 56

Aurora, deslocamento ocular

Mariana Mendes / 59

O parto

Irene Thal Brambilla / 61

Trovas

Eliseu Visconti Neto / 65

Apresentação

Uma oficina de escrita permite reunir, num mesmo grupo, pessoas de níveis diferentes de experiência, se todas forem movidas por um interesse comum – trabalhar de forma harmônica na criação dessa arte que é a palavra escrita, independentemente da qualidade dos textos que cada um pode produzir naquele momento.

As expectativas iniciais são, naturalmente, distintas: os que já são amantes dessa arte, querem simplesmente aproveitar a oportunidade para praticá-la; outros esperam aprimorar o que já vêm escrevendo, ouvir opiniões sobre suas produções e poder compará-las com as dos demais; e há ainda aqueles que simplesmente aceitaram o desafio de escrever de forma orientada e compartilhada, mesmo que nunca tenham ousado nada e até duvidem da própria capacidade.

O grupo organizado e patrocinado pelo Instituto do Legislativo Paulista – ILP, a academia do Parlamento de Pão Paulo, traz aqui o resultado da sua experiência, que comprova isso. A heterogeneidade se revelou logo no primeiro encontro, uma vez que alguns participantes já traziam experiências bem sucedidas de escrita, até profissionalmente, enquanto outros ainda davam os primeiros passos. Entretanto, ao final dos três meses de atividades conjuntas, todos se beneficiaram com a troca que houve. Mesmo que as dificuldades de expressão dos mais iniciantes, às vezes, limitassem um pouco o seu desempenho no grupo, todos, de alguma forma, deram a sua contribuição, seja com a sua criatividade e perseverança, seja com suas críticas ou seus questionamentos. Quanto aos mais experientes, estes, sem dúvida alguma, enriqueceram enormemente as oficinas com textos primorosos, além de observações bem colocadas aos trabalhos dos colegas.

A possibilidade de registrar a experiência dessa oficina numa publicação, ainda que singela, torna-se então um arremate perfeito para o trabalho do grupo. Primeiro, porque será de grande valia para estimular os ‘novos escritores’, alguns nem tão novos assim, que terão bons exemplos de soluções encontradas para propostas que, talvez, não tenham conseguido levar adiante, ou o fizeram timidamente. Além disso, é a forma mais prática e carinhosa de preservar os textos ali produzidos e lapidados, com o auxílio de muitas mãos e cabeças. Certamente, quando relerem os ensaios, crônicas e contos contidos neste volume, terão novamente na lembrança as cenas finais de cada encontro, o momento tenso de leitura e crítica dos textos escritos, quando as emoções, às vezes, brotavam com intensidade, provocando ora

muitas lágrimas, ora muitos risos. Mas era também quando se davam as trocas.

A organização dos textos no volume é aleatória, sem nenhuma ordem de grandeza, obedecendo apenas a seqüência em que foram produzidos: primeiro os ensaios, depois as crônicas e por fim os contos. Alguns participantes da oficina, embora tenham produzido bons textos, não quiseram tê-los publicados, no que foram respeitados.

Por fim, como autora da proposta e coordenadora da oficina, agradeço em meu próprio nome e em nome do grupo, ao ILP, na pessoa de seu Presidente Roberto Eduardo Lamari, pela viabilização total desse trabalho – tanto física quanto financeiramente, durante os três meses de sua realização e ainda desta publicação.

São Paulo, Setembro de 2008

Tereza Isabel de Carvalho
oficina-de-escrita@uol.com.br



Ensaaios

Sim às pesquisas com células-tronco

Gaspar Bissolotti Neto

É muito fácil dizer, em nome da religião, seja ela qual for, que se é contra as pesquisas com células-tronco embrionárias, principalmente quando a gente passa ao largo do problema e não convive com a situação.

Eu me coloco no lugar daquelas pessoas que têm o seu ente querido (mãe, pai, filhos, cônjuge) entrevado numa cama, vegetando ou não, com a família inteira sofrendo tanto emocionalmente como em termos materiais, pois hoje tudo é muito caro. Assim, não posso ser contra que essa família aspire por encontrar soluções que tragam essa pessoa de volta à vida, de volta à sociedade.

Entendo os motivos espirituais que, pra mim - ex-seminarista e um conversador com Deus na intimidade, que reza duas vezes por dia, pois isso me faz bem - não posso acreditar que um ser superior recrimine a tentativa de salvar vidas.

Quem pode garantir que essas células embrionárias não têm também a missão de vir à tona para ajudar-nos a encontrar a solução para nossos problemas?

Se cientista fosse não teria dúvida em trabalhar nessa área, ajudando a salvar vidas preciosas e a trazer a paz ao coração de inúmeras famílias, sem medo do acerto de contas final.



Progresso ou retrocesso humano?

Isaac Soares Bastos

O que é a vida? Quando ela começa? Podemos interferir no seu processo? Mesmo que estas questões pareçam de ordem filosófica ou de um pensamento mais abstrato, não são. Respondê-las é de fundamental importância, pois, embora não pareça, estão diretamente ligadas ao nosso cotidiano.

Nos últimos cinco anos tem se falado muito sobre pesquisa com células-tronco e seu potencial terapêutico, principalmente aquelas com células-tronco embrionárias. No entanto, não há consenso entre os pesquisadores a esse respeito. Há os que defendem apenas o uso de células-tronco adultas, outros acreditam que as embrionárias alcancem mais rápido os resultados pretendidos.

Se entendermos que a vida tem início a partir da fecundação, as pesquisas com células embrionárias, sem dúvida, infringem princípios éticos, pois ferem frontalmente o direito à vida, a possibilidade de vir a ser. Se é viável o tratamento com células-tronco adultas, por que não direcionar as pesquisas nesse sentido? Fica a pergunta. Quem ganhará com isso? A população ou a indústria farmacêutica?

Ao longo dos anos, as pesquisas nas áreas médicas ou biológicas desenvolveram-se com a utilização do método experimental como instrumento, sem ao menos refletir em que concepção de conhecimento ele está calcado. Nessa forma de saber, há sempre um

sujeito que conhece e se apropria do objeto de seu conhecimento, justificando assim todo e qualquer manuseio deste. Foi assim com os cordeiros abertos vivos por Descartes para ver como eles “funcionavam”; posteriormente vieram outras cobaias como os chimpanzés e camundongos, e agora os embriões, ou, seres humanos em desenvolvimento. Todos mortos cruelmente para o bem da ciência. Os fins justificam os meios? A quem mataremos depois dos embriões a bem da ciência?



A vida e seus encontros

Eliseu Visconti Neto

Afonso Arinos disse, certa vez, que consenso não é unanimidade, pois só através da discórdia é que se pode chegar ao acordo, que por sua vez é algo que não agrada inteiramente a todos, necessariamente, mas é o que menos prejudica.

A reflexão de Arinos – aqui reproduzida de memória, e sem exatidão – serve para definir com clareza o que se poderia descrever como encontro.

O ser humano carrega o que se pode chamar de escala de valores. Tais valores são adquiridos e hierarquizados através da vida, a partir de um conjunto de experiências que forma os conceitos, a visão das coisas e a maneira de interagir com o próximo.

Qualquer tipo de entendimento interpessoal, não importa se com fins sentimentais, profissionais ou comerciais, pressupõe, para o sucesso, a aceitação mútua de valores.

Existem, é bem verdade, alguns valores tão importantes que são, a bem dizer, inegociáveis, e em nome desta impossibilidade de negociação é que se dão os desencontros.

A arte da convivência consiste na intenção e na habilidade de negociar valores, com abertura e respeito mútuos, com disponibilidade espiritual.

Que nós possamos seguir, com moderação, mas movidos pelo desejo do encontro, o dito de Fernando Pessoa: “a sociedade é um sistema de egoísmos maleáveis.”



Desencontro

Gaspar Bissolotti Neto

Às vezes paro para pensar nos meus 56 anos de vida e nas inúmeras pessoas que encontrei nesse período. Desde a infância até hoje, passando pelos bancos escolares e pelos locais de trabalho, pelas esquinas da vida. É uma loucura!

Lembro de muita gente de quem gostava, sentia prazer em tê-las por perto, mas não sei por que, desapareceram ou, como diria o humorista, escafederam-se... Ou será que quem se escafedeu fui eu?

Quantas Terezas, Raimundos, Marias, Joaquins, Lilis e até mesmo Jotas, Pintos, Fernandes conheci e, sem mais aquela, sumiram de minha vida, sem nunca ter conseguido entender porque apareceram e porque desapareceram....

É interessante, muito interessante esse encontro e desencontro... Lembram-me muito as ondas do mar, que vêm e vão sem dizer o porquê.



Desencontro

Maurício de Sá Malfate

Encontro, palavra dúbia?!

Sim, pois se digo “ao encontro” designo união, no entanto, a simples troca da preposição “a” com o artigo “o” – ao - pela preposição “de”, “de encontro”, faz o encontro deixar de ser. Que pena! O desencontro é marca de frustração em muitas vidas. O desencontro sempre passa pela subjetividade, pois traz em si o afrontamento da expectativa que, invariavelmente, é individual.

O pior deles é o desencontro consigo mesmo. Este coloca as pessoas frente ao espelho do engano. Mostra que não são o que pensavam ser, pior ainda, mostra a dificuldade de se sentirem em si mesmas.

A velocidade do mundo de hoje, a exploração da imagem que estimula o mais amplo sentido humano – a visão – me ilude com encontros fictícios. No “Windows”, a janela do meu monitor me dá a falsa sensação de que me encontro com as coisas do outro lado do mundo. O “Outlook” é um convite perene a olhar o tempo todo para fora de mim. É quase como um encontro de pessoas no além?

Em algum momento, terei de olhar para dentro, e neste “inlook”, o desencontro é assustador.

Ao considerar os noticiários, sejam eles televisivos, escritos ou virtuais, só posso crer que a história do mundo e da humanidade se escreve muito mais pelo desencontro que pelo encontro.

Do contrário, se prevalecesse a forma “ao” ao invés da “de”, certamente viveríamos um mundo mais harmônico e humano, onde o desencontro seria apenas o não achar a pessoa ou a coisa procurada.



A vida desencontrada dos elétrons

Mariana Mendes

As relações humanas, assim com os elétrons, são envolvidos em processos dinâmicos, veja você como coisas minúsculas revelam respostas complexas.

Parte elementar de um átomo, portanto de uma matéria, possui cargas de alta energia que são capazes de se permutarem e de se combinarem com outros elementos. Essa é a definição dos elétrons. Eles trocam de camadas, saem de uma vão para outra: podem ser dispersados de sua órbita e transitar por outras. Não são estáveis; trocam forças de atração de uma camada de valência mais externa para a seguinte.

Este processo é natural e necessário. E se pensássemos os elétrons como nós mesmos, transitando pelas fases da vida, dissidentes de uma estrutura, invocando novas possibilidades de relação? Você já se viu na órbita magnética de um sistema, rompendo com um ciclo se ligando a outro e a outro mais?

O problema é que vemos os desencontros com certa dor e angústia, por entendê-los como algo que se desfez, que separou as partes, que quebrou o ciclo, a tradição. No entanto, não percebemos que esse acontecimento que ataca as partículas subatômicas também pode ser estendido para nossas vidas.

A ruptura não necessariamente representa ou simboliza categoricamente o fim, pode ser o fim de algo, mas não o fim de tudo. Quantas vezes ouvimos histórias de separações entre casais, desacordo de informações e de afinidades, a partir delas foi possível encontrar novas saídas.

Os elétrons mais distantes do núcleo também são os que possivelmente podem permutar para outros espaços, então "*peças mais presas ao núcleo*", seriam seres mais resistentes a compreender os desencontros como a possibilidade de novas situações na vida?

Assim como nos átomos, a vida 'desencontrada de seus elétrons' é fundamental para o processo de novas formações, tangíveis ou não. Vejo em nossas vidas os desencontros como "des-formando", para se formar em outras instâncias. Entendendo que nada é rígido, mas que pulsa, refuta, ativa-se, oscila.

Nada é fixo com absoluta exatidão - salvo nosso fascínio pela vida, esse sim, deveria ser constante.



Desencontro das consciências

Vanessa Ramos

Cada indivíduo é uma extensão das idéias enraizadas historicamente e interiorizadas no contexto das relações sociais, e a cada nova vivência colhe materiais e experiências que irão compor sua história e caracterizar seus processos de consciência.

Em um determinado momento, quando o sujeito não mais observa a sociedade como

um espectador passivo, mas como se estivesse olhando para um espelho, percebe que suas ações são reflexos da sociedade em que vive e que não há uma verdade absoluta. Então o sujeito passa a questionar os aprendizados que adquiriu desde a base familiar até somar a eles sua vivência na sociedade.

Nesse contexto ocorre o desencontro da consciência, como fruto de reprodução de valores, e encontra-se uma nova, como resultado dessa ruptura, construindo um outro processo de consciência. Este caminha do campo individual para o campo coletivo, no qual o indivíduo se reconhecerá em outros indivíduos ou se deparará com as contradições do que tem como correto, em um determinado momento de sua vida.

O resultado desses contrastes forma ou deforma o indivíduo ou os grupos que vivem em sociedade, reconhecendo em seus atos uma legítima e necessária ação a ser realizada por uma causa que adotam como sua. É no desencontro das consciências que novos processos nascem, brotam como fruto das relações sociais.



A Senha e o Sonho

Maurício de Sá Malfate

A individualidade humana, ainda hoje, é mal definida. Por isso mesmo é mascarada por diversos artifícios que lhe atribuem um caráter real, mas que não passam de artimanhas enganosas, verdadeiras armadilhas, onde, desatentos, os indivíduos se iludem com a sensação de serem vistos ou tratados como únicos.

As novas tecnologias da informação criptografam dados pessoais, reconhecem seqüências alfanuméricas, criam passaportes eletrônicos para a navegação numa rede onde nada é concretamente sensível. É tudo fantasiado ou fantasmagórico, porém, fantástico!

É o que nomeamos como SENHA. E elas parecem mesmo conferir às pessoas um caráter individual, afinal, assemelham-se a um inconfessável segredo, jamais revelado nem mesmo em sonho. No entanto, são entregues a máquinas operadas por outras pessoas que sequer podemos imaginar quem sejam, o que pensam ou o que querem. Estabelece-se aí, então, um pacto silencioso e implícito de confiança naqueles e naquilo que, de verdade, não vemos.

Com a senha acessamos o mundo virtual. E neste, munidos de uma identidade falsa, podemos até nos reinventar. O mais curioso é que no mundo virtual a democracia é para todos, diferentemente do que observamos no mundo real. Até mesmo as crianças têm seus segredos digitais que lhes permitem, em “sites” de relacionamento ou programas de conversação eletrônica, criarem *personas* fictícias, com fotos e nomes, dotados de atributos que gostariam de ter. É mesmo a possibilidade de realização de um sonho! Muitas vezes, os pais nem ficam sabendo, pois a senha é pessoal. Já está plantado na cabeça da criança um senso distorcido de individualidade.

No mundo virtual, dizemos aos outros o que não ousaríamos ao telefone, declaramos sentimentos que jamais admitiríamos presencialmente, mas feitos assim parecem nos colocar em proximidade com o outro.

E o sonho? Já imaginou se tivéssemos que ter uma senha para sonhar? Crescemos e vivemos com a idéia obscura de que o sonho está no campo do inatingível ou, ao menos, algo pouco provável de acontecer. Que mistério humano é esse, tão explorado e pesquisado pela psicologia, mas, até hoje tecnologicamente insondável e não completamente decifrado pela razão?

SO-NHO quer dizer SOU EU. Talvez por isso ele nos arrebatava de chofre, sem senha ou permissão para se revelar... Afinal, é nosso mesmo! A SE_NHA - SÊ EU ou SEJA EU - traz a possibilidade de SER o que não SOU e fazer acontecer virtualmente um sonho racionalmente criado.

É o que acontece no "Second Life", por exemplo, que começa a virar mania social. A chance de ter uma "vida" virtual, onde "somos" como queremos "ser", "possuímos" o que desejamos "ter", "trabalhamos" numa profissão que pensamos a mais interessante, "moramos" na casa dos sonhos, "namoramos" uma "pessoa" que também "tem" uma "vida" plena de realizações; por isso, tudo só pode "dar certo", ainda que nunca nos vejamos.

Parece que o sonho vai mesmo se tornar dependente da senha. Será? Será que sere-mos virtualmente felizes? A fantasia faz parte da vida. Na infância é fundamental. Na vida adulta temos de zelar para que não se torne uma psicose!



Quem mente mais e melhor?

Márcia Stamato

Na letra da canção "*Dom de Iludir*", Caetano Veloso trata da dissimulação e da mentira, duas características que, para ele, são inerentes à mulher. Vejamos suas palavras:

'... na malícia de toda mulher (...)/ a verdade é o seu dom de iludir/ como pode querer/ que a mulher/ vá viver sem mentir...'. Em que pese estarem os versos - da forma como foram aqui citados - fora do contexto da canção e, portanto, perdendo um pouco de seu concatenamento com as demais idéias expressas na letra, a noção de artimanha está aí e está vinculada ao feminino.

Permito-me discordar do poeta. Creio que todo ser inteligente pode usar de artifícios de postura, de gestos, de olhares, atitudes etc. com o fim de simular algo e, assim, obter uma coisa que deseja. Se observarmos algumas espécies dentre os mamíferos mais inteligentes, especialmente os que vivem em comunidades sociais - como os outros primatas ou os cetáceos - vamos ver que eles são capazes de enfrentar (e muitas vezes solucionar) novos desafios, servindo-se unicamente do raciocínio. Por isso eles também podem simular. Não é por instinto que os animais com maiores habilidades cognitivas o fazem: eles fingem e dissimulam sempre que acham necessário à consecução de suas metas. Poderemos constatar isso observando um deles fugindo de um predador ou na atividade de caça (ou de pesca) em grupo; na conquista da fêmea ou na permissão que elas dão à corte do macho dominante. Há também muita manha quando se trata de ganhar o peixe no aquário onde os cetáceos se exibem para o público ou, no *habitat* natural dos símios, quando os pirralhos querem

driblar os rigores das regras maternas: com pilhérias ou caretinhas dengosas os diabinhos conseguem dobrar a mais inflexível das mães. Isto é ou não é malícia? É ou não é estratégia? É claro que é.

Ora, tendo os seres humanos uma inteligência muitíssimo mais complexa que a das outras raças, infere-se que as táticas de dissimulação e de malícia também possam ser muito mais elaboradas por nós, homens e mulheres, de qualquer idade, de qualquer cultura, de qualquer raça. Então, a tal "*malícia de toda mulher*" não é só da mulher, não, Caetano. Sinto muito. Talvez até possamos admitir que o sexo feminino seja mais hábil nas táticas, uma vez que a mulher costuma ser mais intuitiva porque a Natureza escolheu-nos para a concepção e para a maternidade. E a questão da escolha de um parceiro mais habilitado para o papel de pai-provedor é uma coisa da Natureza animal, que muitas mulheres ainda não perderam, por mais que o mundo moderno venha cedendo a nossa secular pressão para abrir-se mais à participação ativa das mulheres no mundo do trabalho, da política e da economia.

Isto posto, fica até natural pensar que a mulher seja mais manhosa. Porém, mais mentirosa, isso não! E há ainda a questão da defesa da cria, que permitiu aos humanos do gênero feminino, um desenvolvimento mais significativo da intuição, que todos temos inata, por sermos bichos. Assim, nós mulheres recorreremos mais que os homens a nossa intuição quando se faz necessário dissimular, interpretar e mentir. Mentimos, sim, mas não o fazemos sozinhas.

A natureza dotou os bichos machos de uma inclinação muito mais forte para a conquista. Parece estar no DNA deles, mais que no nosso, a incansável busca de parceiras com quem perpetuar a espécie. Mas algumas culturas resolveram organizar a sociedade em torno de famílias monogâmicas e essa opção sócio-cultural fez dos homens os grandes mentirosos da sociedade: desenvolveram muito melhor que nós a capacidade de mentir deslavadamente para poderem esconder as escapadas proibidas pela monogamia. Enfim, que atire a primeira pedra...



A mulher e a mentira

Gaspar Bissolotti Neto

Concordo plenamente com Caetano Veloso quando ele diz, no poema "Dom de Iludir": "Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir".

Todos vão concordar - digo todos no masculino, pois tenho certeza de que as mulheres, somente elas, não concordarão que a mulher - a maioria delas - é sábia ao mentir.

Mente e nem rubra fica.

Mente e acredita!

E, por isso, jura que é pura verdade.

Mas, pensando bem, o que seria dos homens - principalmente dos feios, gordos e carecas - se as mulheres só dissessem a verdade?

Santa mentira feminina!

Sem título ainda

Mariana Mendes

O passado marca a história, legitima-a num determinado contexto, deixando registros de identidade de um povo ou de um indivíduo. No entanto, há pessoas que se prendem ao passado como se tivessem cordas amarradas aos calcanhares. Estão atadas ao bolor de longas datas, sem sequer perceberem o que permanece no agora ou atinarem à possibilidade real de florescimento do amanhã.

Desconhecem o sabor do novo e têm o tempo presente como o espaço de encenação de suas velhas lembranças. Esquecem-se da dinâmica natural das coisas, de que o novo sempre vem e vem com o presente que o condensa. No entanto, há uma memória pela qual ele quer ou não zelar, mas ela existe.

Crivado, o sujeito caminha cheio de dúvidas sobre sua trajetória anterior e o que se apresenta como desafio a sua construção. O que o identifica como tal e o caracteriza ser assim e não de outro modo? Sem título, sem direção ou sem escolhas?



Verdades

Isaac Soares Bastos

Verdades e mentiras. O que são? Coisas opostas?

Se buscarmos o real significado do termo verdade, encontraremos como sinônimo a palavra evidência, ou seja, a descoberta ou o aparecimento de algo que estava oculto. Partindo do senso comum, verdade nos dá idéia de algo fechado e absoluto, que existe por si só. Contudo, não percebemos que para a existência da idéia de verdade, se faz necessária a de mentira.

Quando criança, os conceitos do que seja verdade ou mentira são mais precisos. Sim é sim, não é não. Não há espaço para o “talvez” ou para o “mais ou menos”. Com o desenvolver do raciocínio lógico e com a ampliação do conhecimento, saímos dessa dicotomia e não sabemos mais o que seja cada uma delas. Reconhecemos apenas a enorme dose de subjetividade na sua construção e que muitas vezes elas se (con)fundem.

A questão de verdade e mentira fala, ou nos faz refletir, de modo geral, como somos, ou melhor, como queremos ser – absolutos. No entanto, estamos sempre no limiar. Como diz o poeta: “entre o sim e o não, o talvez”.



A mulher além do óbvio

Vanessa Ramos

A figura da mulher no imaginário masculino patriarcal é cheia de equívocos, ora acintosos, ora sutis como pode ser verificado em frases como a do cantor Caetano Veloso na música “Dom de iludir” quando diz: “*Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir*”. Esta música retrata a mulher como uma pessoa habilidosa na arte de mentir, pois ele afirma o dom que ela tem iludir, quando talentosamente finge dizer a “verdade”. Apesar de parecer uma bobagem, a realidade é que há muito tempo o discurso machista está sempre presente em histórias, piadas, novelas, comerciais, músicas e brincadeiras.

Nesse contexto, a questão de gênero é um assunto que deve ser tratado com atenção por parte de toda a sociedade: homens e mulheres precisam autocriticar seu comportamento cotidiano e auxiliar as crianças durante sua fase de formação, ao contrário do que o grande irmão televisivo apresenta. Isto porque a violência, exercida pelo discurso e ações excludentes hierarquizadas, foi estabelecida através de uma relação de desigualdade histórica. Em especial, a relação de superioridade que se impôs do homem sobre a mulher, há séculos.

A violência exercida sobre a mulher não está apenas no aspecto da agressão física, mas também no moral e psicológico, enraizada inclusive no sistema em que estamos inseridos. As pessoas que desejam sair do senso comum precisam observar as relações ao seu redor e como elas mesmas agem diante dos fatos que lhe são apresentados.

É inaceitável que nos dias de hoje a mulher ainda seja tratada com discriminação e violência, isto sem falar da mulher negra que sofreu todos os males desde que foi trazida nos navios negreiros rumo ao Brasil. Entretanto, elas têm reagido a esse tipo de situação, assumindo um posicionamento contestador, quando se informam e se unem a pessoas e grupos que defendem essa causa, com enorme coragem na busca da paridade de direitos.

Assim, grande parte das mulheres impõe sua autonomia e, através do pensamento questionador e da superação de seus medos, se libertam das algemas que há tanto tempo as prendia. Por fim, enquanto Caetano Veloso fala “Não me venha falar da malícia de toda mulher” – as mulheres gritam expondo a revolta que sempre esteve contida: *Não nos venham perpetuar este imaginário machista.*



Verdade

Maurício de Sá Malfate

Eis um dos aspectos mais polêmicos da existência humana!

Nos é dado aprender desde muito cedo que o antônimo de verdade é a mentira. Será? Será que a verdade é uma só?

Interessante é perceber que o sentido de verdade ou mentira amadurece em nós a partir do momento em que somos capazes de contar nas pontas dos dedos. Isto quer dizer:

quando começamos a desenvolver a razão, pois, até então a verdade e a mentira habitam o mundo lúdico da fantasia.

Isto me faz pensar que aí reside o instante inicial da fragmentação do homem enquanto ser pensante. Sim, pois aí está implícita uma escolha. A mente humana preenche o abismo que existe entre o real e o imaginário, desde que o homem tomou consciência de que um dia a morte chega.

Dizem os sábios que o conhecimento humano se ergueu e se sustenta sobre quatro pilares: a filosofia, a religião, a ciência e a arte. Destes, a meu ver, apenas a arte não se preocupa com a polêmica verdade. Os outros primam pela busca ou afirmação de uma verdade absoluta. Pensando assim, é possível compreender porque no mundo lúdico da criança não importa a verdade nem a mentira, apenas a fantasia. Ela sim é real. Vamos, pois, fazer arte!

No mundo adulto, às vezes com preço alto, um dia compreendemos que o homem vive mesmo em dois mundos: um que está dentro de sua cabeça e outro que está sob seus pés. Do confronto destes dois mundos, o real e o imaginário, é que emerge a necessidade da verdade.

Sinto que a mentira não caracteriza a ausência ou omissão da verdade, pois, o papel da mente é apenas mentir. E a verdade? Me permito aqui olhar para ela e dela extrair outro sentido: verdade é o meu “ver na idade”. Sim, isto mesmo. A cada idade minha visão das coisas e do mundo, pela própria vivência, sofre metamorfoses. Puxa! Que bom! As minhas verdades são mutantes e me dão um novo sentido de viver a cada idade.

No balanço da vida, olhar assim para a verdade me permite um novo entendimento para a máxima inscrita no oráculo de Delfos: “conhece-te a ti mesmo!”



O culto à desgraça

Eliseu Visconti Neto

Fui solicitado a emitir opinião sobre o assassinato duma menininha que, além de estrangulada, foi defenestrada de um prédio de classe média baixa, de São Paulo.

Recusei-me a fazê-lo, tendo em vista o fato já ter sido explorado – de forma vil, sensacionalista e irresponsável – por toda a mídia, inclusive pela guardiã da moral tupiniquim, a Rede Globo, que dedicou ao ocorrido preciosos minutos do seu mais prestigioso telejornal. Era obrigação profissional anunciar o fato, e até mesmo comentá-lo, mas nada justifica esta sede de desgraça, este debruçar-se sobre um pobre corpinho infantil, para saber-lhe o olfato e o paladar, para erguer os olhos aos céus e pedir vingança, uma vingança tão fingida quanto as orações que não lhe dedicaram.

Existe um estranho hábito que tomou conta dos jornais e dos leitores, que é priorizar a má notícia, seja um crime, um furto, o aumento da inflação, a recessão na economia, os erros dos políticos e assim por diante.

A presente afirmação pode ser confirmada pelo simples exame dos noticiários e pelo teor das seções de Cartas dos Leitores. Estes se transmudam em juízes e promotores, ao escrever as suas opiniões. Não defendem, atacam somente.

O mundo noticioso apresenta-se, em geral, cinzento, pessimista e sem esperança.

Alguém afirmou, não sei quem e nem há quanto tempo, que imprensa é isto mesmo: se um cachorro morder uma pessoa não é notícia, mas se um cidadão morder um cachorro, ah, isto sim, vira notícia.

Modus in rebus. Não façamos das páginas dos jornais uma coleção de lamúrias, mau augúrio e nem do Armagedon anunciado.

As notícias ruins precisam, é claro, ser anunciadas. Ninguém tem o direito de deixar o leitor alienado daquilo que se passa. Mas existe um outro lado da moeda, e não há negar que da mesma forma que se fala de um fato desagradável, deve-se dar igual destaque às coisas boas que acontecem, e elas são muitas.

O jornalista não deve ser o arauto da desgraça, o justiceiro que acusa e denuncia. O jornalista - e este termo é oriundo de *diurnalis*, que se transformou em "journal", depois em jornal, no nosso idioma - é um profissional que noticia os acontecimentos do dia, sejam eles tristes ou alvissareiros. Ele tem o dever, portanto, de relatar ao público o que viu, apurou ou soube de fontes fidedignas.

Mas o fato é que o estranho hábito a que nos referimos virou uma espécie de comportamento padrão. Devemos combater este desvio e informar com mais diligência os acontecimentos e dados positivos.

É mal levar ao leitor somente o que não presta. Corre-se o risco de difundir um sentimento de menos-valia que em nada contribui para a comunidade. Por outro lado, a exclusiva divulgação do que é bom e construtivo amortece a necessidade de enxergar o que é verdadeiro e passível de correção.

Assim, reside no equilíbrio a grande missão do jornalista, que saberá usar a liberdade que tanto reclama e que conquistou no exercício da sua nobre missão de informar.



Somos coisas?

Irene Thal Brambilla

Cada vez que assistimos ao noticiário na TV, sempre vemos algo que nos chama a atenção. Os casos que me afetam mais e me causam indignação são aqueles que retratam a pessoa humana como "coisa". Coisas, segundo Durkheim, são os fatos sociais e não as pessoas. "Coisas" que ficam expostas e são colocadas e retiradas das prateleiras. "Coisas" que a mídia, e não dá para dizer que toda ela, endeusa ou massacra.

No caso do pai e a da madrasta de Isabella pode-se dizer que ambos já foram julgados e condenados por toda a sociedade. Quer sejam ou não culpados, devemos aguardar. Segundo a lei, todos são inocentes até que se prove o contrário, mas esse caso não foi assim. É muito difícil saber o que realmente aconteceu naquele dia 29 de março de 2008, assim como é triste saber que as crianças, irmãos de Isabella, terão de carregar esse fardo a vida inteira e, possivelmente, viver à custa de terapias e acompanhamento psicológico.

Ninguém deseje eximir a culpabilidade de quem quer que seja, ao contrário, a

tendência é para o julgamento prévio. O fato, por si mesmo, chocou muito a opinião pública, que somado à intervenção da mídia e a forma como a polícia conduziu o caso, fizeram com que as pessoas redobrassem a vigilância às famílias envolvidas, assim como todos se sentiram no direito de dar o seu palpite. O resultado foi uma fartura de detalhes, fartura de culpas, fartura de erros. Agora, com os ânimos mais amenos, vê-se a “prateleira” se esvaziar novamente para expor novos fatos, novas “coisas”.





Crônicas

O popular, esse anônimo genial

Eliseu Visconti Neto

Você já parou para observar a postura e o desempenho de um “popular,” esta figura indispensável a cronistas, fotógrafos e repórteres do dia-a-dia, esta moldura mais do que necessária a qualquer acontecimento público?

Pegue qualquer jornal diário e examine as fotos dos casos diários: você verá, em meio às aglomerações, como personagem anônima, mas perfeitamente identificável, o que se pode definir como “popular.”

Ele está sempre lá, olhando sobre os ombros de alguém, vestido da forma a mais corriqueira, com uma expressão a um só tempo vaga, mas profundamente atenta.

O popular é aquele que serve de fundo a uma foto; não é belo e nem vistoso, mas sem ele não existe o acontecimento.

Que tal um carro destroçado, num mortal abraço a um poste, o sangue escorrendo pela porta arrebentada, sem um popular à espreita?

Que tal um cadáver, coberto com um saco preto, a ponta dos pés à mostra, sem a formidável presença do popular?

Tudo isso pareceria uma simples montagem fotográfica, sem maiores atrativos, não fora a presença do popular, que legitima a ocorrência.

Muitos repórteres colhem dos populares preciosos depoimentos: “eu vinha atravessando a rua, quando aquele carro escorneou o poste. Foi um barulhão. Sangue pra todo lado. O cachorro conseguiu escapar.”

“Mas que cachorro, amigo?”

“Ora, aquele vira-latas que o carro quase atropelou!”

No dia da Imprensa, ou do Repórter, dever-se-ia conceder um troféu a um popular.

Ou quem sabe, a ABI poderia erigir uma estátua ao popular, este herói, testemunha e personagem da vida do cotidiano?



O centro

Isaac Soares Bastos

Era uma tarde ensolarada e fria. Atravessava a passarela que cruza a Avenida do Estado e dá acesso à Rua 25 de Março e olhava a paisagem que me cercava – vias movimentadas, carros, muita gente apressada, os prédios, o centro velho. Ia para a oficina de texto no ILP (Instituto do Legislativo Paulista), como faço todas as tardes de sexta-feira.

Perto do fim da passarela, me aproximei do parapeito, olhei para baixo e continuei a observar toda aquela agitação. Havia uma profusão de cores, formas, cheiros, movimentos e vozes que se misturavam ao barulho de carros e ônibus. Parecia barulho de concha quando a gente coloca no ouvido.

Lá embaixo, o desenho se configurava tal como tela de cinema - a fumaça do churrasco grego, sua coloração, o aspecto do moço que servia, seu rosto suado iluminado pelo sol, seu avental branco, que já ganhava tons de ocre e marrom, seus fregueses, o modo como comiam e gesticulavam. Na mesma calçada havia outros comerciantes que se diferenciavam pelo tipo de produto que vendiam, mas que traziam algumas semelhanças. Eram homens e mulheres negros com seus chinelas havaianas gastas e traje surrado. As mulheres postadas ao lado de churrasqueiras improvisadas e os homens atrás de caixotes de tomate que exibiam garrafas de 5l, prontas para tornar a vida do cliente mais colorida, ou melhor, menos dolorida.

Pensei na existência, no ser, no ser no mundo, na vida, no G7, na luta de classe, na condição humana, no progresso, no capitalismo, e...e...e que já eram quase quatro horas e se não corresse, chegaria atrasado à aula. Mais um burguesinho apressado.



A história de Jô

Gaspar Bissolotti Neto

José está na sala de sua casa, refestelado no sofá. De repente, uma pedra passa pelo vidro da janela, estilhaçando-o e cai sobre o tapete. Cobrindo a pedra, um bilhete: “Jô: estou te esperando. Venha urgente – Marli”.

Ele não entendeu o recado e pensou: “A única Marli que conheço é a que mora na esquina e não tenho sequer amizade com ela. Por via das dúvidas, vou até lá pra ver o que se trata”.

Estranhou até ela saber que os amigos o chamam de Jô e não Zé, como normalmente acontece com pessoas de seu nome.

Dirigiu-se ao local e, para sua surpresa, a porta estava entreaberta e com um bilhete: “Jô: entre! Aguardo-o no quarto”. Ele ficou mais encafifado. Entrou, dirigiu-se ao quarto e viu Marli aguardando-o nuazinha sobre a cama. Era uma bela mulher em um quarto muito bem decorado. As janelas estavam fechadas e uma luz bem fraca deixava Marli na penumbra.

Quando Marli viu José tomou um susto e pulou da cama, cobrindo-se com um lençol.

- O que você faz aqui?

- Uai, você jogou uma pedra na minha casa e quebrou minha janela. Eis o bilhete.

- Vixe! Isso foi coisa do Joãozinho. Ele jogou a pedra da casa do Jô errado, pois era pra jogar na casa do João, meu namorado.



Ô mamãe, posso ir?

Eliseu Visconti Neto

Existia uma brincadeira de crianças – não sei se crianças ainda brincam sem ser pelo Orkut ou pelo MSN – em que a “mamãe,” de costas para os seus “afilhados” companheiros de folguedo, respondia à pergunta, “mamãe, posso ir?” com a autorização, “pode, três passos (ou um, ou dois, ou quatro, só dependia dela). Quem chegasse primeiro era o vencedor.

São tempos que não voltam mais.

Lembrei-me dessa diversão ao ler os jornais e constatar que as autoridades inglesas, preocupadas com a sua segurança interna, querem destacar oficiais britânicos para monitorar os aeroportos de países “perigosos,” como o Brasil, e decidir quem pode ou não viajar à terra do Robin Hood, do Ronald Biggs, do Jack, the Ripper, e de outras impolutas personagens.

Perdoem-me pela impertinência, mas posso garantir que poucas vezes vi tanta empáfia na minha longa vida de viajante. Já frequentei mais de 30 aeroportos de países neste mundão de Deus, alguns tenebrosos, em épocas de guerra, exceção e ditaduras: a Líbia, de Khadafi, o Iraque, de Sadam, a África do Sul, de Botha, Angola de José Eduardo dos Santos, Suriname, de Bouterse, e outros. Vi muita severidade e até abuso nestas incursões, a serviço. Ossos do ofício. Trabalhava para o governo e não tinha o que reclamar.

Mas essa, dos nossos cavalheirescos irmãos da velha Albion, excedeu os limites do razoável. Eles, que enviaram ao mundo seus colonizadores e até mesmo bandidos e piratas, e que invadiram e colonizaram países como Zâmbia, Estados Unidos, Austrália, Canadá, Guiana e outros, eles, que se gabavam do “Império onde o Sol jamais se põe,” queixam-se hoje de turistas, que vão deixar a sua suada grana em visita aos seus Big Bens, Houses of Parliament, Windsor Castle e seus “pubs”.

Imaginem os amigos se a nossa polícia plantasse, no charmoso Aeroporto de Heathrow, agentes, para conferir “who’s who” entre os turistas britânicos: será que Ronald Biggs teria embarcado para o Rio, para gastar as suas Libras Esterlinas, roubadas, e enfeitar as nossas colunas sociais? Teriam os nossos agentes baleado, com oito disparos à queima roupa, aquele brasileiro que correu deles num metrô?

Qualé, “brothers”? Vocês ainda não aprenderam o que é soberania? Ou é só a soberania nos olhos dos outros que arde?

Exigir visto de brasileiros, junto ao de outros países que, com todo o respeito, não podem ser comparados aos nossos?

“Gentlemen”, o mundo globalizado exige de todos os governos que se dizem civilizados, uma postura mais universalista e fraternal, que se afaste cada vez mais dos velhos preconceitos raciais, econômicos e religiosos de antanho.

Estamos na época das Olimpíadas, e é o esporte quem nos dá o maior exemplo: quantos africanos, brasileiros, asiáticos e árabes disputam campeonatos, torneios e competições de todos os tipos, envergando as cores britânicas, alçando a bandeira da Inglaterra?

“Relax, my friends”, não é por aí que se constrói a grandeza de uma nação.

O turismo é uma fonte de riqueza financeira e cultural muito importante, para ser tratada com desdém e desrespeito pelo próximo.

Exigir visto é burrice e imperialismo.

Mineirices

Márcia Stamato

Após a faina na redação, meus colegas e eu costumamos dar uma passadinha no “Sol Nascente” para nos aquecer com um bom trago e lambiscar algo antes de voltarmos para casa. A essa altura da noite, somos os únicos fregueses. ‘Seo’ Felício, dono do boteco – ao qual ele se refere como *estabelecimento* –, manda o rapazinho preparar o que pedimos e, em seguida, instala-se atrás do balcão. A partir daí, põe todo seu tino em nossas conversas, enquanto disfarça atentar para papeletas de comandas. Nunca perdeu o fio de nossos assuntos, abstendo-se de dar parecer sobre qualquer um deles, até mesmo quando se trata de política ou esportes. Sempre se esquivou, maneiro, quando instado a opinar.

É sabido que há sempre uma primeira vez para tudo e a ocasião de ouvir ‘seo’ Felício se apresentou naquela noite, quando nos pusemos a contar piadinhas e a mexer involuntariamente com seus brios. Somente após essa ocasião é que nos inteiramos, a conta-gotas, de alguns outros fragmentos de sua estória: que migrara sozinho para São Paulo, ainda um humilde rapaz imberbe, que penara muito para chegar à condição de dono de bodega, etc.. O novo *status* tirara dele a humildade, mas este orgulho era bem disfarçado. Determinado a mudar seu destino, passou cerca de vinte anos juntando gorjetas em bares alheios onde, além de lavar pratos e servir mesas, acostumou-se a pôr tino nas conversas. Nessa sua escola, as falas dos fregueses foram as lições de Português. Tinha sido bom aluno e, por esse motivo, não gostou da zombaria que fazíamos sobre os diversos sotaques regionais e seus erros de pronúncia.

Naquele dia, alguém começou a contar um caso, expressando-se assim:

– *Tenhu dificuldade di apernunciá umas palavra.* – A coisa nos contagiou e começamos a falar, carregando no sotaque, e a rir muito.

– E eu tive uma *disintelligenza* cum cabra aí, que se dizia *encanadô: catei ele* pela camisa e disse: ou tu *cunserta direitchu* esse *rizistru* da gota, ou sai daqui *escangotado*, peste! – E por aí fomos, rindo desde o Raso da Catarina até Sobral, passando por Palmeira dos Índios, Cabrobó, etc..

Depois de atirarmos pro Nordeste, viramos a mira para as Minas Gerais.

– Eles sempre dão um *jeitim* de comer um *queijim* quando tomam um *cafezim*” –, disse Aldo, galhofeiro, enquanto mordida um naco de provolone. – Ê trem *bão!!* – emenda Júlio.

– E aquela estória, ocorrida em *Belzonte*, vocês sabem?

– *Quar?*

– A do *sordado*, em perseguição ao suspeito, que berra: *Sarta da carçada, fia da mãe*, senão ti *enchu di porva!*” – Sem notar as expressões do taberneiro, dei continuidade à irreverência, fazendo a voz ao gatuno perseguido: – “Ô *sordadu*, ocê num vai tê *coragi di* uma *marvadeza* dessas só *pur causa di* umas *galinha afanada*, vai?”

O estopim do ‘seo’ Felício encurtava. De seu posto de observação o homem mais parecia um sapo-boi, tomando como ofensa pessoal essa coisa de pormos os humildes como xucros. Queimava-se, mas se continha. Porém o vaso estava prestes a entornar e a gota d’água que faltava foi uma chacota, desta vez sobre a sovinice dos mineiros.

– Já era hora de pararem de dizer que os mineiros são ignorantes, não acham? – disse azedo.

- ???!!!

- Em Minas tem muita gente culta, tem autodidatas esforçados e há até capiaus ignorantes, como tem por aqui e em todo lugar. Ah! se tem!!

- ???!!!

- E essa coisa de mineiro ser pão-duro já não tem cabimento! Isso é puro preconceito, oras! Eu sou de Minas e não nego aos mendigos as sobras de minha cozinha.

Diante da insólita intervenção, voltamos toda nossa atenção ao 'seo' Felício, de sorte que nos esquecemos de escorar a mesinha capenga. Nisso, Ernesto cruzou as pernas, esbarrou na tábua e ... VUPT, lá se vai ao chão o pratinho plástico com nossos acepipes, que rolaram pra todo lado.

Interrompendo o ímpeto de nosso orador, Ernesto pediu, com jeitinho de querer encerrar o discurso:

- E essa agora, hein 'seo' Felício? Me dá outra porção? - ao que o taberneiro, incontinentemente retrucou, sem abrandar:

- Sinto muito. Dar outra eu não posso, não derrubei nada! Se quiserem outra porção, será por conta de vocês.

Ninguém conseguiu segurar o riso. E o gaiato do Júlio ainda emenda:

- É claro que é por nossa conta, né, 'seo' Felício. Mas depois não venha me dizer que mineiro não é seguro, hein?! Não se incomode, não: traz mais tira gostos e põe na conta.



Calor humano

Isaac Soares Bastos

Parece pesadelo, mas não é. Você está acordado e sabe muito bem disso, só não quer acreditar. É segunda-feira, está chovendo, você acordou atrasado e sabe que daqui a alguns minutos vai enfrentar um ônibus lotado, lotado não, minto, superlotado, abarrotado.

Depois de repetir pela centésima vez que isso não está acontecendo, chego ao ponto de ônibus e, pela quantidade de pessoas, pelos comentários e fisionomias, já adivinho o que aconteceu: mais uma vez o ônibus atrasou.

Passados alguns minutos, eis que surge no horizonte cinzento o bendito ônibus com seu letreiro luminoso. Mal ele surge e a multidão que ansiosamente o aguardava já ganha novos ânimos, uma quase euforia.

Quando ele parou no ponto, foi aquela correria para adentrá-lo. Percebi que ainda nem metade dos que estavam no ponto tinham embarcado e o coletivo já estava lotado. Por fim, consegui subir. Da porta até a catraca foi quase uma *via crucis*. Já não sentia frio, mas calor. Quando consegui chegar à catraca o cobrador me sorriu gentilmente e me cumprimentou com um bom dia. Respirei fundo, dei um leve sorriso, passei a catraca e fiquei pensando numa resposta.

Devagar, devagarinho

Gaspar Bissolotti Neto

Tarde cinzenta.
 Sala de aula fria.
 O pessoal animado demais.
 E eu sonolento, mal-humorado e louco de vontade de tomar um café.
 A mestra lê crônicas sobre a própria crônica.
 E aí vem a hora amarga: ela manda a gente escrever.
 Eu vou dizer a verdade: não tenho a menor vontade de escrever crônica, conto ou poesia. Estou mais para cantar um samba ou pagode, sei lá o que, do tipo:
 - É devagar, devagarinho
 ou
 - Deixa a vida me levar, vida leva eu.



Engarrafado

Irene Thal Brambilla

Se pudesse seria bebido, com certeza. As buzinas não param. Entre um olhar e outro vem uma nuvem de motoqueiros. A pressa, segundo dizem, é inimiga da perfeição. Mas como é possível não ter pressa? Como é possível se programar num caos desses? Quando se dá seta, tanto faz se para a esquerda ou para a direita, o companheiro da via pública se encarrega de pisar mais fundo e não permitir a passagem daquele que, de acordo com o código, está pedindo licença para passar. Haja Rodoanel, Marginais, pontes, viadutos para os milhares de transeuntes motorizados que uma megalópole como São Paulo recebe diariamente. Quem sabe se a Jeannie (que “É um Gênio”) não conseguiria “Engarrafar” a cidade num outro sentido. Ela, assim, engarrafada, permitiria que o ar ficasse melhor, que as pessoas passassem mais, que os jardins florisser mais e, como conseqüência, mais pássaros, mais cantos e mais vida.



Eu adoro congestionamento

Gaspar Bissolotti Neto

Numa cidade grande como São Paulo, onde temos um automóvel para cada duas pessoas, o drama está nas ruas estreitas com mão dupla e veículos estacionados dos dois

lados, é normal que todos sofram em virtude dos congestionamentos.

Antigamente, isso acontecia no chamado horário de rush, mas hoje qualquer hora é hora de congestionamento.

Eu não tenho nada contra o congestionamento, a não ser que esteja esperando alguma pessoa que esteja presa nele. Aí, haja saco! Explico porque eu mesmo pouco me importo com essa situação, que causa neurose em muita gente. Eu não dirijo e ainda por cima sou aposentado e, por isso mesmo, pouco saio de casa e, quando saio, vou de ônibus, trem, metrô ou a pé, dificilmente de carro.

Sempre tenho comigo uma revista, jornal ou livro. Se fico, por algum motivo, preso em congestionamento, o que ocorre muitas vezes quando estou no ônibus, desço do coletivo, ando um pouco, distraio-me e pego outro mais à frente, muitas vezes fugindo do congestionamento e ainda aproveito o tal Bilhete Único, que permite três viagens a preço de uma no período de duas horas.

Agora, o que me estressa mesmo é ficar ouvindo aqueles repórteres aéreos, pela rádio ou TV, anunciando congestionamento nas ruas e nas estradas: êta coisinha chata... Dá nos nervos... Ninguém merece!



Cronicar: verbo conjuntivo direto

Fernanda Otero

Eu crônico. Vós crônicas. Eles crônicas. E todos nós crônicas com grande satisfação. No encontro da oficina de hoje, a professora pediu para escrevermos uma crônica. Eu nunca crônica. Ela acredita que posso crônica. Apresentou grandes crônicas, que com suas crônicas brilhantes, para de alguma forma, inspirar a crônica de cada um de nós. Acho que o Doutor vai arrasar, e crônica muito bem. O "Professor" Eliseu também vai arrasar, pois ele já "conta" bem e crônica vai ser moleza. Pretendo conjugar este verbo crônica diretamente com o leitor: crônica é muito bom! Na definição de crônica, (Houaiss) temos: "texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato". Sob essa definição, quero dizer que crônica para mim, não pode ser nada superficial, nem tampouco, pouco definida. Crônica nos faz, por um breve momento, senhores da verdade, semideuses! Crônica, levaremos qualquer pessoa a lugares exclusivos, dirigidos pelo nosso poder e pela nossa onipresença... Crônica quer dizer transformar a realidade e fazer nossa vontade a única soberana do universo, pois, ainda segundo Houaiss, crônica é "história ou conjunto de boatos, rumores, notícias a respeito de algo ou alguém em determinada região ou lugar". Sob essa definição, concluímos que a crônica nos daria o poder!

Vou continuar buscando a crônica, para que um dia possa dominar essa arte de crônica, inspirada pela Oficina e pelos brilhantes colegas de curso.

É mais uma santa brasileira, meu povo!

Gaspar Bissolotti Neto

Brasileiro adora santo. E se for criança então, nem se diga...

Temos legiões de seguidores de Antonio da Rocha Marmo e de Izildinha, santas crianças brasileiras...

Além de muitas outras que recebem pedidos e mais pedidos de todo tipo de gente, desde a procura de empregos até a cura de doenças terríveis...

Agora vou dar uma de profeta: é só uma pessoa, um gaiato qualquer, resolver dizer, em alto e bom som, que recebeu uma graça da menina Isabella - acho que não preciso explicar quem é porque todos já sabem que é aquela que foi brutalmente assassinada na noite de um sábado de março -, para que a histeria coletiva que se formou por todo o País a eleja como a nova santa brasileira.

E viva Dias Gomes!!!

E viva Roque Santeiro!!!



Liberdade. Liberdade?

Fernanda Otero

Cresci dentro de um carro. Nasci na Fernão Dias, entre São Paulo e Belo Horizonte. O carro sempre foi um lugar aconchegante e confortável, onde podia experimentar a liberdade de ir e vir na sua plenitude. Minha mãe é excelente motorista. Pilota mesmo. Põe muito homem "no chinelo". Andava pelas estradas "piscando" pros caminhões, dando seta, pisca alerta com aquele som da seta "tic-tic-tic" em cada ultrapassagem, que ia dando um soninho gostoso, as estrelas no céu, a luz dos outros carros se acendendo e apagando a cada cruzamento... Isso tudo era uma festa!! E era também um ótimo sonífero naquelas longas noites de estrada em mão dupla, tempos distantes que pouca gente se lembra... Eu sonhava... E sonhava dominar o carro com toda aquela habilidade e confiança que ela sempre transmitiu, com toda aquela técnica, desenvolvida em anos de idas e vindas pelos 600 Km da velha Fernão... E sempre a musiquinha que era alívio para todos :- Tá chegando, tá chegando, tá chegando em BH... Tá chegando, tá chegando, tá chegando em São Paulo. Era sempre assim quando estávamos chegando lá, ou quando voltávamos para São Paulo, a musiquinha que avisava: a aventura, o aconchego, a cansaça, a fome, a preguiça, o enjôo, o aperto, aquela confusão toda de sentimentos bons e ruins já estavam no fim.

Embora sempre estivéssemos fazendo este longo trajeto em São Paulo e Belo Horizonte (ou BH, como se dizia lá em casa), morávamos em São Paulo, na querida Pompéia, "a Barra da Cidade" do Perci. Na terra da garoa, andar de carro era sempre muito agradável. A cidade grande, muito iluminada: - Vamos dar uma volta? - perguntava mamãe e vez em quando. Pegar no sono no banco do carro, acalmar uma briga, descansar de um desencanto

vendo a Av. Brasil, a Paulista, a Heitor (Penteado). As ruas eram formigueiros desordenados, sempre cheias de muita gente e muitos carros, mas fluíam, naquela interminável fila de luzes de freio acessas pela noite afora. Sobre estes caminhos, minha mãe era soberana. Exibia suas habilidades de motorista, dando risada dos condutores dos outros carros que, às vezes, tornavam a olhar para ver se era mesmo uma mulher que estava ao volante, pois era raro uma mulher dirigir (e eu não sou tão antiga assim...). De vez em quando ouvia-se um grito originado pelo descuido de algum outro motorista despreparado (minha mãe não errava, não cometia um deslize): - "Volte pro fogão D. Maria!!" Fúria dupla: - "Maria é a mãe! Sou pilota, não cozinheiro!!" O pior era que por causa dessa pecha, mamãe nunca aprendeu a cozinhar, só para se igualar aos homens que dirigiam. Dizia que tarefas domésticas não eram para ela - que tinha mais o que fazer do que ficar "pilotando fogão".

O tempo passou, o banco de traz foi ficando cada vez mais desconfortável, duro e nada aconchegante. Os passeios não davam mais sono. Aliás, a esta altura, nem mais aconteciam. Carro era para ir e vir, não para passear. Comecei a andar sozinha pelas ruas, não no carro da mamãe, mas nos ônibus da cidade (que se resumiam ao 828P Lapa e 478P Sacomã). Mas cheguei aos 18 anos pronta para o volante! Ganhar as ruas, ter liberdade! Comprar um carro, desbravar a cidade onde eu tanto me orgulhava em morar... O destino não foi assim tão condescendente e me reservou outros caminhos: Primeiro a faculdade. Aprendi a dirigir uma Brasília branca linda, numa pequena cidade do interior, claro que em nada parecida com o trânsito agitado da grande metrópole. Não dava para comprar um carro... Aliás não dava nem para estudar direito, pois sobrava conta no salário pequeno que eu ganhava como secretária de um Sindicato. Tive que desistir da faculdade, tive que adiar o sonho do carro... E mais uma vez o destino me trouxe outra surpresa: um trabalho em Brasília... E lá fui eu desbravar o planalto central... Para minha surpresa, encontrei em Brasília um carrinho só meu... Podia exercitar as habilidades de filha de "pilota" no Distrito Federal. E o desejo de voltar a morar em São Paulo sempre me perseguindo: - Em São Paulo sim, que as pessoas sabem dirigir! Aqui ninguém tem educação!... Todo mundo corre demais, um horror! E sempre ouvia a resposta: - Também, como é que as pessoas podem correr em São Paulo? Com aquele monte de carro que se tem lá, ninguém pode correr mesmo... Não dá! Sobra carro e falta rua!... Essas discussões tomavam horas e horas do meu tempo: São Paulo era sempre melhor em tudo, por pior que fosse. Mas eu e o carrinho éramos muito felizes... Íamos a vários lugares, éramos livres e tínhamos um ao outro! Eu achava que não faltava nada, mas sentia falta de São Paulo, do trânsito, da fumaça, do caos!!...

E mais uma vez, o destino me pegou de calça curta: Lá vou eu morar no interior de novo! E São Paulo nada.... Nem de avião, nem de ônibus, nem de jeito nenhum... Me casei e fui para o interior... Ainda não tinha dirigido na capital. A essa altura, já estava com mais idade, e os impulsos não eram assim de tanta liberdade... Compramos um carro quando eu não podia mais ser tão livre assim, e bem longe das belezas urbanas paulistanas... E na minha persistência, não desisti em ser a "dona da rua" em São Paulo... Depois de uma temporada em Ubatuba, acabei conseguindo... Mudamos para São Paul.

Depois de sete anos, ao voltar para Sampa, pilotava um super Gurgel XT 12, branco, rebaixado, com rodas de liga leve, show!! No primeiro dia pilotando a máquina nas ruas nervosas e superlotadas de São Paulo, me senti a mais feliz e realizada das criaturas! Estava realizando um sonho antigo: dirigir meu próprio carro na maior metrópole da América

Latina!! Ligava meu radinho de pilha (pois claro, um Gurgel nem sonhava mais o que seria amplificador, aparelho de som, caixas de som, etc.) e saía pelas ruas da cidade, cantando com o vidro aberto, dando risada à toa... Essa alegria não durou muito... São Paulo estava com um trânsito caótico: carros e mais carros, e uma mulher dirigindo um carro “*véio*” não era lá a coisa mais legal a se fazer na cidade. Logo na primeira semana, fui parada numa blitz. Por sorte, os documentos estavam OK. Na segunda semana, minha alegria e empolgação não eram mais as mesmas, pois comecei a perceber os perigos que significavam andar pelas ruas da maior metrópole da América Latina: gente, muita gente, carros, muitos carros, muitos medos, muitos assaltos, muitos pedintes... Começava a sentir falta da calma do interior e do incômodo dos turistas sazonais.... Sentia certo temor ao sair de casa, pois deixava o carro na rua, saía muito cedo, e a volta era ainda pior: chegava muito tarde. Comecei a notar que cada um com sua super máquina (pois você já percebeu a quantidade de carros- zero que circula pelas ruas da Capital, com apenas uma pessoa dentro?), estava mais preocupado em ocupar um espaço do que partilhar espaços. Me sentia cada vez mais presa às agruras do trânsito e dos quilômetros e quilômetros de engarrafamento...

Certa manhã ao ir para o trabalho, já meio abatida pelas dificuldades que encontrava todos os dias nessas idas e vindas, fui surpreendida pelo calor: superaquecimento global da minha linda e velha máquina. O trânsito veio quente e já nos pegou fervendo. O coitado do Gurgel desistiu, se entregou de vez, não encarou a difícil e sufocante rotina no trânsito paulistano. O transtorno causado por esse sufocamento total, foi a sensação mais frustrante que eu experimentara nos últimos anos. A fila que se formou atrás de mim, a quantidade de xingamentos que ouvi, as broncas que levei, foram tantas e tão grandes que comecei a me perguntar se aquilo era mesmo sinônimo de liberdade. O simples fato de dirigir o seu carro na cidade grande não era mais uma prisão completa?? Até de “hippie” me chamaram! Imagina, logo eu?? Louca para andar de carro, de ter a posse sobre um bem automotor... “Hippie”, é o A liberdade com que sempre sonhei me prendeu por várias horas dentro de um caminhão de guincho. Fez-me perder o dia de trabalho, além de gerar um enorme prejuízo, pois a conta deu quase o valor do carro....

Depois de muitas outras tentativas – acho que meu carro caíçara não se acostumou com a cidade grande – de ir e não ir, de perder a hora e a paciência, tive que tomar uma decisão. Decidi optar pelo sonho de outro alguém (que aliás, era um sonho para mim), e procurei um velho conhecido:

- Alô?! Carlos? É Fernanda quem fala. Sim, do Marcelo. Isso, do Gurgel. Sim, o Marcelo tá bem. Então, ainda tá de pé a proposta da compra? Vou vender. Ah! Aceito o DVD como parte do pagamento...

Essa foi a decisão mais acertada que tomei nos últimos anos...

E agora, Velozes e Furiosos...

Carros...

“Transformers...”

Isso sim é que é liberdade!!...



Na Avenida Paulista

Márcia Stamato

Dezembro, início da noite. Lojas ainda abertas e, obviamente, muita azáfama. Abre farol, fecha farol, reabre e... nada. Mal saímos do lugar onde estamos engarrafados, entre o prédio da Gazeta e o do MASP. Olho pro lado, caras feias. Pro outro, carrancas também. Sinais de tédio ou de irritação em todas as fisionomias adultas, aprisionadas dentro dos carros. Imagino que alguém também esteja me observando, vendo que bufo qual maratonista na reta final da São Silvestre.

Minha impaciência e meu desassossego não resultam da pressa de chegar em casa. Essa parece ser a ânsia dos outros mártires que me rodeiam. Ninguém me aguarda lá, não tenho fome, nem programa pra fazer à noite. Também não tenho mais presentes de Natal para comprar ou embalar. Diferentemente das outras brasileiras, sou previdente e organizada. Mas esse calor insuportável... ninguém merece! Não sei há quantos dias não chove nesta metrópole maluca. Estranho que vários papais-noéis cruzem incessantemente aquele trecho da avenida ostentando enormes guarda-chuvas vermelhos abertos. Por quê? Deve ser mais um apetrecho pra chamar a atenção da gurizada. Ainda bem que reparo neles. Estão felizes os sócias de São Nicolau. Não é que pareçam felizes: estão mesmo se divertindo com o que fazem. O banco que os contratou fez boa escolha de rotundos bons velinhos. Reparo que seu humor me contagiou. Fiquei melhor. O mesmo se deu com os pedestres: seus rostos estão iluminados por causa da alegria das crianças e dos vovôs fantasiados. Em compensação, os rostos dos motoristas... rostos não, caras. E que caras!

Prefiro continuar a olhar o alegre vai-e-vem dos 'Noéis' enquanto o trânsito não anda. Cruzam de um lado a outro da avenida, pegam os pedestres e os trazem à entrada de uma hiper-ornamentada agência bancária. Filas de 'turistas' se formam pra embarcar na viagem à Lapônia. Lá dentro todos irão xeretar nas oficinas de brinquedos, ver duendes, fadinhas, bichinhos e enormes pinheiros cintilantes. Da rua mal se vislumbra o espetáculo escondido no interior da agência. Fico curiosa pra saber o tema da ornamentação deste ano, mas como estou em meio ao trânsito... paciência. Ainda não saí desta quadra e olho de novo para a atividade dos velinhos de vermelho. Há uns que devem colher – na boca da saída da estação de metrô – as golfadas de gente expelidas a cada novo trem que chega. Semáforo abre, meu coração se anima. Em vão engatei a primeira. Já tive de parar outra vez. Que fazer?! Poderia ligar o rádio. Mas qual!! Com essa inflação de antenas de emissoras espetadas nos topos dos prédios ao redor, só ouviria chiados e grunhidos. Nessa hora me arrependo de não ter comprado outro toca-CD depois que afanaram o meu.

Na falta de distração musical no carro, decido cantar antes de ficar mal humorada de novo. O fluxo anda um pouco e consigo chegar em frente ao parque Trianon. Paro de novo, cantarolo baixinho. Na barafunda instalada, ninguém me vê ou ouve. Certifico-me de ter desaparecido para os companheiros de sina. Invisível prisioneira entre os mesmos carros, me empolgo. De melodias sussurradas passo a volumes mais altos. Já viajei dali: a música e o calor transportaram-me para meu chuveiro e, sem querer, solto a plenos pulmões uma canção romântica. Ponho nela minha alma, alheia a tudo. Encerro e já estou pronta para engatar outra quando ouço palmas: o taxista parado ao meu lado, entusiasmado, me

aplaude e abre largo sorriso. Percebo que havia deixado aberta a janela do lado do carona e que tivera platéia. Curvo a cabeça, abro os braços como convém a uma “prima donna”, devolvo o sorriso. Foi bom, desopilei-me e ele também. Já que o trânsito não desobstruía, ao menos o nosso fígado o fez. Ganhei a noite, afinal não é qualquer cantora que é aplaudida na Avenida Paulista lotada de gente.



Fotonovela

Irene Thal Brambilla

Assim que aprendi a ler, com seis ou sete anos, comecei a me interessar pelas fotonovelas de minha mãe. Ela percebeu e como não queria que eu visse os beijos, proibiu-me de lê-las. Passei então a levar as revistas escondidas para o banheiro e lá ficava longo tempo, envolvida com as histórias. O fato é que criança pensa que engana a mãe, a minha então, astuta que só ela, começou a me pressionar para que eu dissesse por que ficava tanto tempo no banheiro. Eu nunca sabia o que responder. Por outro lado, tinha meus irmãos menores que queriam que eu lesse para eles as histórias das revistas, eram a Sonia, a Ivone, o Carlos e a Silvia (ainda bebê). Com isso eu ficava dividida, de um lado minha mãe que proibia a leitura e de outro meus irmãos exigindo o contrário.

Sempre que eu contava um caso – ocorrido, pensado ou sonhado –, eu detalhava tanto (e ainda detalho) que minha mãe dizia que eu tinha uma imaginação tão fértil, que ela não sabia de onde eu tirava essas coisas. Ainda hoje tenho uma queda por contos, novelas, romances. Se tenho ou não a imaginação fértil, não sei. O que sei é que tenho um bocado de lembranças.

Já me disseram que tenho “visão sistêmica”, que englobo, que percebo e que sinto. Pode ser! Que tem algo aqui, tem. O quê? Não sei!



A crônica que eu não escrevi

Eliseu Visconti Neto

A Oficina da Escrita, promovida pelo Instituto do Legislativo Paulista, proporcionou-me alguns dos mais agradáveis e proveitosos momentos que vivi ultimamente. Foi um tempo de alegre e utilíssimo convívio, liderado pela professora Isabel, à frente de colegas de muitas origens e especialidades, todos talentosos – considerem-se citados e cumprimentados, nominalmente – período em que trabalhamos com entusiasmo e muito capricho, para aperfeiçoar os nossos dotes de escritores, contistas, cronistas, repórteres e articulistas.

Bem interessante foi o sistema: a professora Isabel nos lia e distribuía algum texto,

sempre de renomado poeta, escritor ou jornalista, comentava o estilo, e nos punha a elaborar algo, de preferência baseados no tal texto de referência. Decorrido algum tempo, em geral de 30 a 45 minutos, cada um de nós lia o seu “capolavoro”, que era comentado pela mestra e pelos demais companheiros. Uma vez, para nos desafiar, Isabel dividiu-nos em dois grupos, e pediu-nos opiniões contrárias ou favoráveis à então momentosa questão das pesquisas com células embrionárias, e o que se viu foi um embate político-religioso da maior qualidade.

Teve gente que, ao ler a sua contribuição, chorou; houve momentos em que todos rimos – dos outros e de nós mesmos. Era freqüente o prosseguimento das trocas, mesmo depois de as sessões terminarem.

O que tivemos, em suma, foi mais do que uma sala de aula; foi uma tertúlia da qual todos se beneficiaram e certamente enriqueceram, no aprendizado do exercício de bem escrever, e na arte da convivência, face à exposição a críticas e comentários sobre o nosso trabalho, o que não é comum ocorrer.

Eu gostaria de ter escrito algo mais sentimental e emocional, para descrever a alegria de tê-los conhecido – mestra e colegas – a todos. Faleceu-me a inspiração, mas não o sentimento, e por isso, renuncio, desde já, à autoria da presente.

Não são minhas estas linhas.

Esta foi a crônica que não escrevi.



Contos

Um local estranho

Gaspar Bissolotti Neto

Estava viajando sozinho de carro por uma estrada pelo interior do país, quando furou o pneu. Parei o carro, abri o porta-malas, retirei o estepe e percebi que ele está murcho.

Fiquei nervoso, olhei para os dois lados da estrada e só enxergava canaviais, nada mais se via além disso. Encontrava-me numa estrada deserta, pela qual não passava carro, caminhão ou pessoas. Somente uma placa se avistava: *Cemitério da Saudade a 1.000 metros*. Precisa trocar o pneu, estava sem estepe e sem ter a quem recorrer. Não havia um telefone público nas proximidades, não tinha como me comunicar com qualquer outra pessoa para pedir socorro.

Lembrei-me que há alguns minutos havia passado por uma vila. Talvez pudesse voltar a pé e pedir socorro ali. Julguei, pelo tempo que passara, que essa vila devesse estar a uns quatro ou cinco quilômetros dali. O problema é que já era um final de tarde. E o local bastante sombrio. Mas não tinha outra coisa a fazer. Guardei o estepe, fechei o carro, dirigi-me à vila.

Andei uns dez quilômetros, sem avistar nenhum carro, nenhuma pessoa e nada de encontrar a vila. Pensei que talvez tivesse me enganado e que a vila estivesse mais longe do que imaginava. Já estava escurecendo e eu sozinho naquele lugar, sem ter o que fazer, a quem recorrer. Na hora, lembrei-me que se tivesse ido à frente teria encontrado o cemitério a um quilômetro de distância e, quem sabe, perto dele houvesse uma outra vila, comércio, um posto de gasolina, algo assim. Só que voltar agora seria uma loucura. Chegaria muito tarde.

Passei uma curva e finalmente avistei a vila. Ufa! Já estava ficando preocupado. Em poucos minutos passava pela ruazinha que saía da estrada. Vi um bar apinhado de gente. Entrei. Pedi um café e perguntei ao balconista, provavelmente o dono, se havia algum borracheiro por ali. Ele sorriu e disse que não. Só a uns cinco quilômetros dali, entrando por uma outra estradinha que saía do final daquela rua.

Era um sujeito estranho, com uma pele bem morena e um cabelo loiro, quase ruivo. Não tinha dentes, parecia ser muito velho, bastante enrugado. De repente, percebi que não havia mais ninguém no bar. Só eu e ele. Todos haviam desaparecido. Não entendi nada. Expliquei pra ele minha situação.

Ele me disse que junto ao bar funcionava uma pousada e que poderia, se quisesse, pernoitar lá e de manhã poderíamos procurar o borracheiro, porque naquele horário ele já deveria estar em casa.

Eu não tinha tanta pressa e a única solução que me restou foi aceitar a proposta. Lanchei no bar e acompanhei-o até meu quarto. Mostrou-me as dependências da pousada e disse que se precisasse qualquer coisa estaria ali.

O meu quarto era simples, com um armário e uma cama de casal com roupas de cama e cobertor. Tinha também um banheiro simples com chuveiro quente. Eu não tinha bagagem nenhuma, portando tirei a roupa e deitei-me após tomar um banho, aliás só joguei uma água no corpo porque nem sabonete tinha. Estava muito cansado e logo peguei num sono pesado. Acordei já estava claro, com o sol entrando pela janela de vidro e sem cortina.

Lavei o rosto, meio tonto, sem lembrar direito onde estava. Puxei pela memória e lembrei-me do pneu furado a uns dez quilômetros dali. Saí do quarto e dirigi-me ao bar, que ficava na parte da frente da pousada. Tudo fechado. Procurei pelas outras dependências e não encontrei ninguém. Aliás nada tinha por ali, além de alguns móveis e um ar de abandono total. Um vulto apareceu, tomei um susto e era um velho gato que, também assustado, passou correndo por mim, talvez até atrás de algum rato. Dirigi-me novamente ao bar, abri uma porta lateral, que estava apenas encostada e procurei alguma pessoa pela vila. Não encontrei ninguém. Fiquei aguardando para ver se chegava alguém e nada, nenhum movimento pelas casas vizinhas e nem pela estrada.

Procurei a estrada onde deveria ter o borracheiro, andei cinco quilômetros e cheguei realmente à borracharia. Fui muito bem atendido por um homem rude, mas atencioso.

Ele estranhou que eu viesse da vila e, mais ainda, quando lhe contei onde passei a noite. Disse-me que há muito tempo a vila está abandonada e a pousada foi fechada quando seu dono, um homem ruivo, foi assassinado por um hóspede de forma brutal.

Pegou um pneu reserva, colocou em sua charrete e me levou até meu carro. Passamos pela vila abandonada e enquanto passava ia se benzendo, dizendo que aquele local era mal assombrado e que ele, quando podia, preferia dar a volta pela outra estrada para não passar por lá.

Chegando ao local onde o carro estava, desci da charrete e percebi que ele estava normal, com os pneus sem qualquer problema. Fiquei atônito. Quando olhei para a charrete, ela e o seu dono haviam desaparecido. Não entendi nada. Entrei no carro, coloquei a chave e ele deu partida imediatamente. Engatei a marcha e saí de lá correndo, sem sequer olhar para os lados e sem sequer entender nada do que havia acontecido. Nunca mais entrei naquela estrada e até hoje fico pensando naquela gente, naquele lugar.



O amor em conto de um encontro

Vanessa Ramos

Era hora do almoço quando o homem velho, de barbas grandes, saiu do prédio onde trabalhava. Um barulho assolava sua cabeça e sem muito pensar dirigiu-se ao prédio de dez andares que ficava do outro lado da rua, procurou o elevador e de imediato se dirigiu a ele, apertou o botão, viu uma luz trêmula se acender e, segurando sua bengala, ficou aguardando sua chegada.

Depois de esperar por muito tempo, percebeu que o elevador não estava funcionando. Amaldiçoou a antiga construção daquele prédio e de seu elevador que há muito trepidava ao levar as pessoas de um andar para o outro.

- Este elevador já deve estar com sua engrenagem cansada de trabalhar todos os dias, carregando de tudo que se imagina, pensou o velho.

Subiu, pois, arrastando-se pela escada. Seu corpo pesava, o dia não havia sido fácil. Sentia sempre uma sensação de cansaço e a cada passo, resmungava do cheiro mofado do

ambiente e da confusão que se passava pela sua cabeça.

Há tempos olhava desde seu local de trabalho para o último andar daquele prédio, porque se sentia intrigado com o vulto que via bailando por detrás de uma cortina vermelha, um tecido fino que parecia ser alguma arte. Fechava os olhos e os entreabria de uma forma lenta, para certificar-se de que não eram alucinações, mas via novamente, por detrás da cortina que esvoaçava ao vento, um contorno feminino. O corpo, que respondia à ordem daquela beleza, inspirava-o.

O barulho de seus passos ecoava pelas escadas, vagarosamente. Seus pés pisavam com tamanha lentidão e seu corpo, ainda no segundo andar, já pedia trégua para as suas curiosidades. Sua cabeça o deixava atordoado sempre que se lembrava daquele vulto.

Chegou ao quinto andar. A escada parecia ficar mais estreita ao velho e vez ou outra se ouvia um som, agora diferente, como o de uma flauta doce. Começou a sentir um cheiro de jasmim que tomava conta de todo o ambiente.

Há tempos, numa terra longínqua, acreditava-se que o cheiro desta flor tinha poderes mágicos e que as bruxas serviam-se disso para levar o amor aos corações dos homens. Ao menos é o que lhe contara sua avó.

Sua antiga angústia, a dor, o cansaço e o barulho, não superaram a força daquele cheiro e daquela música. Seus pés o levaram até o nono andar. Paredes sombrias, acinzentadas, um ambiente entristecido. De repente, correndo como loucos, ratos transitavam pelas paredes e pelo teto, fugindo de algo.

Olhou atentamente para eles, sem temor, querendo localizar o predador, mas não encontrou nada. Estranhamente os ratos fugiam de si mesmos. Por um instante, como que a contemplar uma aparição divina, admirou-os sem tremer ou pestanejar.

Diferentemente de sua irmã, não tinha medo de ratos. Mas igualmente àqueles roedores, fugia. Há tempos fugia de si mesmo, como a esconder sob os tapetes todos os vestígios de humanidade que havia em si. Para as traças reservava seus sentimentos e todos aqueles papéis velhos cheios de rabiscos e duma letra feia e maldita. Tampou todos os espelhos e queimou as fotografias.

Os ratos sumiram. Voltou a andar e tropeçou num baú velho, de madeira, fechado com cadeado. Curioso, tentou abri-lo. Como não conseguia fazê-lo nem com as mãos e nem com as chaves que carregava em seu bolso, utilizou a bengala. Abriu-o.

Perplexo, deu um pulo para trás. Tentou uma vez mais e lá, no fundo do baú, estava ele. Ele mesmo: cinzento, barbudo, triste e fugidio, como aqueles ratos. Sentou-se, encostou-se no baú e, por um instante, caiu em prantos.

Olhou uma vez mais para aquelas paredes. Por que estaria lá? Não sabia...

- O pano vermelho! Suspirou.

Viu a porta, a escada e uma luz que vinha lá de cima. Levantou-se, secou as lágrimas e foi. Ao dar o primeiro passo na escada, rumo ao andar desejado, sentiu suas pernas estremecerem, sons e cores embaralhadas o envolveram. Um arco-íris ali, sem chuva e nem sol! Nada, a não ser ele e as escadas. Bem-te-vis cantavam, revoando ao seu redor. Flores rasgaram os degraus e, teimosas como a vida, coloriam e perfumavam.

- Jasmim!

Eis o aroma que lhe intrigara e a música da flauta doce. Eis o que lhe fizera ali chegar: a teimosia. Sorriu e disse ao velho ranzinza e tristonho que o acompanhava:

- Estou vivo!

Ao fazer tal descoberta sentiu-se leve como a consciência das crianças e seus olhos brilharam...

- Minha bengala! Cadê?

E caiu. De repente tudo se fez escuridão, desmaiou.

Passado muito tempo, o homem abriu os olhos e viu um vulto por detrás da cortina vermelha. Estava deitado em um sofá. Era seu próprio apartamento. Não sabia como chegara ali. Um corpo bailava por detrás do pano.

- Me sinto atordoado, disse consigo mesmo.

Levantou-se devagar de onde estava deitado e foi em direção ao vulto que tanto lhe intrigara.

- Quem é? Perguntou-se curioso.

Por detrás da cortina, viu sair uma mulher. O homem contemplou-a estupefato com tamanha beleza.

- Perfeição, disse ele!

Com passo tímido, a mulher surgiu, para logo em seguida, numa rapidez inumana, diante do homem em pé e imóvel, recuar para detrás da cortina.

Percebeu que o vulto desaparecera, ficou inquieto. Eis que sentiu um som de flauta pulsar em seu coração, percorrendo como eco o interior de seu corpo. Como por feitiçaria, o velho de bengala olhou para dentro de si, e bateu-lhe uma imensa saudade do amor que sobrepunha sua apatia mecânica pela vida.

Olhou para trás e viu um quadro na parede com a imagem daquela mulher. Abaixo do quadro, um espelho. Paralisado, sorriu.

De súbito, como se apenas poucos minutos se tivessem passado, o despertador do celular tocou, lembrando-lhe de que era hora de voltar ao trabalho: fim do almoço.

Rendido à situação, nada mais fez. Descobriu que o encontro com aquele arquétipo de perfeição feminina, em forma de magia, já lhe era suficiente para entender o que lhe trouxera junto com o jasmim: amor.



Natureza morta

Márcia Stamato

Fiquei surpresa ao ver aquele quadro sombrio, de pinceladas ingênuas, posto em lugar de destaque na sala de minha tia. Eu mesma não guardo nada para mim do que produzi naquela época. Este talvez seja o último sobrevivente, com uns tomates e uma trança de cebolas em um tacho de cobre sobre mesa rústica. Certamente foi o trabalho mais aplicado que consegui fazer nos dois anos de aulas com Mestre Bruno. Talvez por esta razão dei a ela, que além de tia era madrinha.

Papai achava que as filhas deveriam ser apresentadas a todas as artes para – quem sabe? – descobrirmos um talento e termos oportunidade de desenvolvê-lo. E lá fomos nós,

as duas mais velhas, para aulas de balé, que Marisa e eu detestamos; de canto orfeônico, que amamos; de piano, que muito enfado nos trouxe e de artes plásticas, um deleite – ao menos para mim. Meu enlevo durou até Marília, mais nova, ser matriculada também. Só ela me fez ver o que era ter dom para os pincéis.

Essa mana vinha se saindo muito bem no curso de piano. Era disciplinada, compenetrada, tenaz e tinha uma postura tão correta sobre aquela banquetta... até parecia uma mini deusa, inda mais com a longa trança loira reluzindo nas costas eretas. Muitas vezes orgulhei-me dela tocando em família ou na escola. Mas quando se apresentou no teatro municipal de minha cidade, achei que era o máximo.

Quando veio conosco para o curso de pintura, foi para arrasar. A danadinha parecia ser craque em tudo! Deu-se tão bem que deslanchou por essa via: hoje, arquiteta, leciona em uma faculdade de belas artes. Papai tinha razão: as aulas revelaram um talento e, assim, ao menos uma de nós foi adiante depois do empurrãozinho dado por nossos pais.

Desisti da pintura logo após Marília concluir seus primeiros trabalhos. Suas telas jogaram baldes de água fria em meus sonhos de vir a ser uma Cézanne de saias. Porém, antes disso me fazer “cair na real”, aquele parecia ser o meu mundo. Amava tudo concernente a ele, desde os pincéis, que eu escolhia pelo toque dos pelos em meu rosto (tinha de ser um carinho), às bisnagas de tinta, ao cavalete, às figuras para copiar. Gostava até mesmo do cheiro da terebintina. Mas era a paleta que, dentre meus apetrechos de “artista”, mais me fascinava. Tinha vontade de pendurá-la como se fosse um vistoso quadro abstrato, ao qual eu nomearia “Policromia”.

Nas aulas seguia atentamente as orientações do mestre, pois pretendia superar os demais alunos. Queria ser a tal, só para ofertar os meus quadros às pessoas queridas, que então me elogiavam. Falsos. Alimentaram minha vaidade adolescente e me fizeram perder horas, debruçada sobre álbuns que reproduziam afamadas telas, ganhos semanalmente de papai. Orgulhoso de meu empenho, fez para mim a coleção “Gênios da Pintura”. A cada novo fascículo, novos suspiros, novos sonhos. A coleção completa está comigo até hoje, apesar de termos na família uma artista de fato.

Com o passar dos anos, todas aquelas emoções dormiram em meu subconsciente para serem, agora, despertadas pela visão dessa natureza morta, em casa de tia Lourdes. Tinha sido pintada quando eu tinha treze anos, isso é certo: ali está, bem visível, a data junto a minha assinatura. Hoje sei que nenhuma sombra de arte sequer passou por meus quadros. Nem meus pais guardam nada do que produzi sob as vistas de Mestre Bruno. Mas naquele tempo... Virgem!! Era um “capolavoro” atrás do outro. Por curto intervalo as telas ficavam expostas no escritório lá de casa. Depois eram substituídas por novos quadros que eu trazia do ateliê. E assim foi até que tiveram de dar lugar às obras de Marília.

Somente tia Lourdes conservou o que dei a ela. Nunca o guardou, sempre o expôs entre coisa de gente famosa, com molduras trabalhadas. Minha natureza morta fez parte da galeria daquele apartamentão de Higienópolis. Quando ela enviuvou, mudou-se pra Salvador, onde tinha um irmão – tio Carlos – com quem tinha mais afinidade. Por longo período nos vimos pouco. Eu não ia pra lá, ela só vinha raramente.

Casei, mas ela estava na Espanha. Não veio. Só tornou de vez a nosso estado depois que meu tio Carlos morreu. Salvador já não tinha mais graça para ela. São Paulo tinha ficado caótica demais e, como já se habituara à proximidade do mar, foi morar no Guarujá.

Agora sim, era possível fazer-lhe uma visita. Desci a serra no último sábado. Ao ver meu quadrinho naquela sala, subitamente atinei para o que até eu mesma já havia esquecido: que um dia a arte povoara meus sonhos. Não fosse aquele singelo tacho ali, ainda contendo uns tomates e uma trança de cebolas...



Vovó em Teresópolis

Eliseu Visconti Neto

O ranger de portas até hoje me tira o sono. Acordo às vezes, no meio da noite, meio assustado com o nheco-nheco de portas e janelas mal fechadas.

É sempre bom espantar fantasmas com a lanterna da realidade, e eu comecei a carregar as minhas pilhas com a lembrança de fatos passados, mas até hoje tão presentes, que parecem acontecer a cada momento.

Nossas famílias tinham três casas em Teresópolis, estância turística a cerca de 100 quilômetros do Rio de Janeiro, a 950 metros de altitude. Naquela época, há quase meio século, não havia mais de 20.000 almas – só estou me referindo às vivas, é bom que se esclareça – na cidade. A maioria dos habitantes era de veranistas, que lá iam passar os fins de semana, os feriados prolongados, e as grandes férias – que saudade! – em meio ao verde e às flores.

Andava-se a cavalo, de bicicleta e de charrete, pelas ruas calçadas com paralelepípedos, e o divertimento, tal como se entende diversão, nos tempos modernos, era escasso. Nada de TV, de videogame, ou de baladas. Tudo se resumia a gloriosas partidas de futebol, grandes excursões à Pedra do Sino e, à noite, as reuniões lá em casa, a maior e a mais próxima das duas outras, para o papo furado e o inevitável desfile de histórias mal assombradas.

As coisas que se contavam eram as mais espantosas que se possa imaginar. Vejo, hoje, que o imaginário juvenil é mais poderoso do que a criatividade dos melhores romancistas.

Houve uma história, porém, que nos tomou de assalto, aos oito netos da vovó Louise e vovô Visconti, e que até hoje nos arrepia os pelos.

Maria José, a babá dos meus irmãos – eu era mais velhinho, e não precisava mais daquelas coisas – chegou com uma conversa, de que a cadeira de balanço que ficava no terraço da casa da vovó mexia-se para frente e para trás, produzindo um rangido tenebroso, e que ela, Maria José, já tinha visto e ouvido a vovó Louise sentada à cadeira, entoando baixinho o “Frère Jacques” (ela era francesa). Só que a pobre velha morrera havia mais de vinte anos, o que não bastou para que ignorássemos a história da babá.

Fizemos o nosso “conselho de guerra” e organizamos uma campana, para flagrar a velha. A operação foi montada com requintes de puro planejamento estratégico. Éramos, naquela noite, Sun Tzu, Gengis Khan, Von Clausewitz, Rommel, Liddel Hart, Napoleão, todos eles ao mesmo tempo. Como e o que fazer?

Armados com pedaços de pau, cabos de vassoura, estilingues e canivetes suíços, cheios de uma valentia assustada, atravessamos o grande jardim e escondemo-nos por detrás

de uma moita de fícus, para testemunhar o acontecimento. Naquele momento, o gramado não mais era verde, mas negro, as árvores eram sombras escuras a se mexer, e o ruído vento parecia um grande lobo uivante. Úúúúúúúú!. A Lua se escondera por detrás das nuvens e só nos enviava escassos raios, que pouco permitia distinguir alguma coisa.

Juro que vimos, então, a cadeira balançar sozinha, como se impulsionada por mãos invisíveis. E o pior é que perto dali, uma mula sem cabeça atacava os arbustos próximos, fazendo muito ruído. Vinha se aproximando da nossa moita. Fugimos desabalados, os oito gritando e correndo juntos. Ninguém mais quis saber da vovó e da sua cadeira.

Os oito primos, unidos, levamos os três primeiros a sua casa, acompanhamos os dois outros à deles, e voltamos, apavorados, de volta à nossa, cenário daquela cena de horror, na certeza de que algo de muito mal estava prestes a acontecer. Entramos correndo jardim adentro, fomos diretamente ao nosso quarto de dormir, e naquela noite o chuveiro não nos ouviu cantar, e nem as escovas de dentes saíram de seus lugares.

Pipi? Urinamos na horta do papai, regando as suas cebolinhas, couves, alfaces e cenouras. No dia seguinte, recusamo-nos à salada do almoço.

Passou-se algum tempo até descobrirmos que a cadeira daquela noite mexia-se por causa do vento, e a mula sem cabeça não passava de um cavalo, que invadira o jardim para comer galhos e ervas. A ausência da cabeça tinha sido golpe traído de visão, fruto de uma nuvem travessa, que impedira os tímidos raios da esquálida lua de iluminar a cena.

Mas eu juro, meus irmãos e primos também, que os rangidos de portas e camas evocam, até hoje, passado meio século, cadeiras que baloçam e mulas sem cabeças que esperneiam.



Uma vida

Isaac Soares Bastos

Eram dez horas da noite. O senhor estava sentado em sua poltrona com a cabeça apoiada no encosto. Aparentava ter seus oitenta anos, cabelos brancos e ralos, olhos fundos, pele enrugada, braços e dedos finos e aquela serenidade que só a velhice e o muito viver podem dar. Era uma noite de céu aberto e estrelado, com uma lua cheia que invadia o vidro da janela e se destacava na total escuridão em que se encontrava a casa. Só se percebiam as expressões daquele homem por estar a poltrona próxima à janela. Na casa não havia mais ninguém além dele e de um gato que, de vez em quando, vinha e se enroscava em suas pernas. Tinha os pensamentos no passado e seus sentidos tomados por lembranças que insistiam em modificar o cenário desolador em que se encontrava. Por alguns instantes sentiu o cheiro de mato molhado, do curral e vislumbrou o laranja das auroras, uma cena quase real. Ouviu a voz grave de seu pai que, ao mesmo tempo, pedia e ordenava que peiasse a Mimosa e prendesse seu bezerro. Levou os olhos ao velho para mais uma vez contemplá-lo. Era um senhor de seus cinquenta anos, mas aparentava mais. Tinha por hábito andar curvado, com a cabeça baixa, espiando algum mato no capim. Estava sempre de chapéu de couro, cigarro

de palha no canto da boca e barba por fazer. Tinha calças e blusas surradas e uma botina em que era possível perceber partes do seu pé calejado. Em seguida lembrou-se das brincadeiras de pega-pega no pátio do colégio, de seu rosto suado e da cara brava da professora pedindo para que fizessem silêncio. Viu o dia da formatura da quarta série, do ginásio, do científico e da faculdade. Reviveu a ansiedade que provara em cada delas e um arrepio percorreu seus ossos e frágeis músculos. Reviu seus amigos, seus rostos radiantes de alegria, lembrou-se das aventuras das noites varadas em claro, quase sempre aquecidas pelo calor de uma fogueira, ao som de um violão e de uma voz melodiosa, regadas por vinho barato, que dava para se comprar na época. Sentiu saudade e dor por saber que nem os amigos nem esse tempo voltariam. Inspirou fundo como se quisesse sorver toda aquela atmosfera. Juntou as mãos como numa prece e levou-as à boca. Sua expiração veio acompanhada de um gemido que quebrou o silêncio. Seus pensamentos e lembranças giravam num rodopio que o deixava tonto, em transe. Estava frente a frente com sua amada - olhos nos olhos. Apreciou seu sorriso singelo e sua expressão de nervosismo. Sua mão suave. Ouviu o pastor dizendo que a partir daquele momento seriam marido e mulher. Sentiu os lábios doces da esposa tocarem os seus, e suas mãos acariciarem seu rosto enquanto o beijava. Depois do beijo, olhos nos olhos. Uma mão apertou a outra como se dissesse, numa linguagem sem palavras, que aquele amor nem a morte iria separar. Viu seu pai de barba feita, o desconforto que o terno lhe causara e as lágrimas da senhora sua mãe a seu lado. De repente, abriu os olhos sobressaltado. Era o gato que saltara em seu colo fazendo-o despertar. Toda a cena desapareceu. Olhou para o felino que já se acomodava em seu colo, esboçou um sorriso, acariciou-o e voltou à sua posição inicial. Via, à meia luz, corpos nus entrelaçados. Ouviu e sentiu suspiros sôfregos e quentes ao pé do ouvido e seu corpo a estremecer de prazer pelo movimento dos corpos, cada vez intenso, e pelas juras de amor entrecortadas por gemidos. Sorriu. Percebeu que seus pelos estavam eriçados. Voltou a sorrir. Respirou fundo. Após o êxtase produzido pela cena, os filhos invadiram e ocuparam seus pensamentos. O Pedro, a Sofia e o Caíque apareciam balbuciando “pa pa” vindo em sua direção, com os bracinhos para o céu, dando seus primeiros passos. Em segundos, os viu na escola, passarem pela adolescência, casarem e saírem de casa. Lembrou-se da primeira noite que Caíque, o caçula, saiu de casa. Ficara apenas ele e sua senhora. Havia um buraco dentro de ambos que não se podia completar com nada. Naquela noite não se ouviu nem o clique do interruptor, nem os passos do filho arrastando os chinelos, nem o sussurro abafado ao telefone que, às vezes, explodia numa gargalhada. Momentos depois surgiu a imagem do velório da sua esposa. Casa cheia, preto, tristeza e lágrimas. Muitas lágrimas. Naquela noite fria de junho nada parecia ter sentido. Abraçou seus filhos que choravam desconsoladamente. Tentou ser forte. Não agüentou. Desabou em prantos. Sabia que daquele dia em diante o mundo não seria o mesmo, a vida não seria a mesma. Tinha perdido seu tesouro maior – sua amada. No cemitério, o último adeus. Não agüentou vê-la partir. Chorou desesperadamente. Sabia que nunca mais a veria. Quis ir junto. Neste pensamento adormeceu. Quando o dia amanheceu e os primeiros raios de sol encheram a casa aquecendo-a e iluminando-a, o gato saltou do colo do seu dono e saiu para a cozinha, ao sentir que não teria mais nem o colo aconchegante do seu companheiro, nem o seu carinho. Nunca mais.



Urbana na roça

Márcia Stamato

Ultimamente as reuniões no sítio vinham se espaçando cada vez mais, dada a infinidade de compromissos dos primos, quase todos com crianças em idade escolar, donas de agendinhas lotadas de compromissos que escravizam seus pais. Mas desta vez tudo fora acertado, não sem uma centena de telefonemas que exigiram de Hilda uma semana de dedicação integral. A chácara do médico João Antônio, tio da maioria dos convivas, era o lugar preferido para essas reuniões: ficava à beira de uma represa, com barco, campinho para as peladas, casa espaçosa e, o que mais contava: lá havia de piano e violão, a marimba e outras tantas coisas para se fazer percussão. Os familiares – quase todos músicos amadores – passariam ótimos momentos churrasqueando e se divertindo com as crianças durante o dia e à noite, quando os pequenos fossem derrotados pelo sono, haveria muita cantoria e casos pra se contar.

As delícias daquele sábado superaram as expectativas: o dia fora memorável e a tertúlia noturna se prolongara até o raiar do domingo. Todos se divertiram muito na saudável pândega familiar. Hilda não tocava qualquer instrumento, mas cantava bem. Contudo, algumas vezes forçara a voz, tentando acompanhar as primas em tons que não eram os seus. As cordas vocais foram se ofendendo aos poucos. Além disso, o vinho e a lareira esquentaram-na além da conta, forçando-a diversas vezes a sair à varanda para se refrescar. Mas naquele grau de euforia, Hilda não se dava conta do quanto a noite estava gelada. Depois de algumas idas e vidas do calor ao frio, o resultado não espantou ninguém: amanhecera afônica, mal podendo comunicar-se.

Num fiapo de voz, disse às primas que estava cansada demais para ajudá-las com os petizes e que, por isso, daria uma fugidinha para lugar quieto. Pegou um livro e foi até a casa da chácara vizinha, onde teria o sossego de que necessitava. Esparramou-se numa rede da varanda, pois tinha intimidade com os Veríssimo, donos da casa, – gente amiga que, naquele momento, também se integrava aos convivas da casa de seu tio, logo abaixo.

Dali Hilda ouvia o burburinho dos parentes numa verdadeira algazarra. Sentiu uma ponta de pena por ter de se afastar das crianças, tão queridas. Mas fazer o quê? Estava moída. Leu uns dois capítulos e logo se desligou do entorno. Cochilou, acordou, leu mais um pouco e quando se preparava para embalar a rede, com o pé descalço já quase posto no chão para o impulso inicial, parou aterrorizada e tesa como se um extraterrestre a tivesse atingido com um raio paralisante. Só ali e quase muda, viu-se frente a frente com uma cobra cabeçuda, de rabo fino, toda escamosa e verdolenga, que media pouco mais de um metro. Estava esticada e tão imóvel no chão, perto da rede, que parecia morta. Um arrepio percorreu a espinha da moça, de alto a baixo. Ela detestava répteis, batráquios e todos os outros bichos de sangue frio. Nutria por eles asco e medo. Medo não, fobia! Antes de raciocinar sobre como poderia sair daquela situação, vieram-lhe à cabeça inúmeras imagens, qual um filme rodado velozmente, mostrando fatos passados que lhe haviam provocado esse horror, a começar pelo caso da lagartixa – que ela um dia moera (sem querer) ao fechar uma janela.

As lembranças da vida interiorana, em que eram freqüentes os sustos com batráquios e ofídios – principalmente quando passava férias na fazenda da madrinha – , só serviram para deixar a moça ainda mais apavorada. Hilda prendia a respiração temendo que o ar,

ao sair de suas narinas, fizesse algum ruído que permitisse à víbora sentir sua presença e aproximar-se ainda mais. Nunca se sentira tão desamparada e impotente. A ameaça estava ali, diante dela, mas o raciocínio nestas horas entra em greve, tira férias e a gente não consegue pensar em solução alguma a não ser gritar por socorro. Mas como chamar alguém, se estava completamente afônica? Mesmo assim tentou berrar o mais que pôde, chamando o marido, os primos e tios, mas a rouquidão não permitiu que ninguém a ouvisse. A cobra continuava absolutamente imóvel.

Somente os pensamentos de Hilda não paravam de se agitar. “Será que cobra é bicho surdo? Ela não se mexeu nadinha ainda?! E se estiver morta? Mas se morreu, como eu não a vi esticada aqui na varanda quando cheguei? Será que vim tão distraída assim? Não, ela deve ter chegado enquanto eu cochilava. Bem que essa desgraçada poderia estar mortinha, seca, esturricada, finita!! Bicha nojenta, lazarenta, desgraçada! Por que não se mexe nem pisca, essa filha-da-mãe? Será venenosa? Como é mesmo que se diferenciam as peçonhentas das outras, Jesus??!!”.

Tentou lembrar-se das aulas de Ciências, dadas no ginásio pelo Professor Aduar. Sabia que ele havia ensinado a diferenciar as peçonhentas das demais, porém não se lembrava justamente destes detalhes. Em desespero se perguntava: “como era esse negócio?” Suspeitava que o xis da questão tinha a ver com o desenho da cabeça, “mas qual desenho?”. Lembrou-se de que cobra não sente cheiro, mas essa informação não interessava. “Diacho!!”. Via que a cabeça era triangular e que se destacava, mais larga que o resto do corpo. E tornava a indagar-se: “será que é esse o tipo perigoso, ou as venenosas são as de cabeça mais fininha? Por que informações tão vitais quanto essas não ficam gravadas para sempre em nossa memória? Não!!, nada disso! Essa daí é das piores! Olha só que cara de invocada, de coisa ruim? Oh meu Deus, porque ninguém vem pra cá? Fugir?? Nem pensar!! Se eu saio de fininho e fujo pra buscar ajuda, alguma das crianças pode aparecer por aqui e... ui, não quero nem pensar! É, dona Hilda: nada de fuga!! Você vai ter de enfrentar sozinha essa ameaça. Não há outro jeito!!”.

O perigo continuava ali, esticado e imóvel. E crescia, crescia tanto que já estava quase do tamanho de um dragão. Na verdade, não era a cobra que aumentava de tamanho, mas Hilda que se apequenava. “O que hei de fazer, santo Deus!??”, se afligia mais e mais... e a coragem não vinha. Os ‘filmes’ da memória passaram de novo na tela da imaginação. Os pensamentos de antes voltavam, desde os que desejavam que a cobra estivesse mortinha da silva até os que tentavam lembrar das aulas do professor Aduar. No entanto, o mais importante – a explanação sobre a anatomia dos ofídios peçonhentos –, parece ter sido apagado de vez da lousa da memória. “Droga!! Droga de memória traiçoeira!!” Novamente tentou chamar alguém e... nada! Viu-se presa num círculo sem saída, experimentando sempre as mesmas idéias, que não traziam qualquer solução. Minutos se passaram (que a ela pareceram horas) e a ameaça ali, presente, crescendo e fingindo-se de morta. Não lhe vinham idéias, só “flashbacks” dos episódios em que não enfrentara suas fobias. “E agora??!! Ninguém me ouviu mesmo e eu não posso sair correndo” – pensou encarando novamente a silenciosa inimiga. “Como é possível tanta imobilidade? Vai ver está mesmo morta e eu aqui, estressada e fazendo papel de palhaça. Vai ver é inofensiva. Inofensiva, é?! Então tá: cobra inofensiva não existe. Se não tiver veneno há de picar e de fazer doer, de fazer inchar, de fazer hematoma... ou há de se enrolar na gente, de moer os ossos, de estrangular a glote...

DEUS !!! Como fui ficar sem voz justamente hoje? Bem feito! É pra eu aprender a não ser tão exibida. Tinha de cantar tanto? Tinha de forçar a voz? Tinha de passar da conta no vinho e precisar de ar fresco tantas vezes? Por que nunca dei ouvidos a minha sábia avó Elisa: *'a gente não pode ficar nem tanto ao mar, nem tanto à terra.'* Por quê?? Só mesmo uma situação aflitiva como esta pra me fazer mudar de idéia e parar de achar que se deve dar intensidade a tudo o que se faz. Moderação e meio termo nunca foram o meu forte... então, agüente as conseqüências, Hilda”.

Mesmo sabendo que não adiantaria gritar, porque o arremedo de voz mal chegava às quaresmeiras que floresciam logo ali ao lado da varanda, a desesperada moça ainda tentou chamar o marido. A garganta novamente negou-lhe fogo, pois lá na casa de baixo ninguém reagiu a seus apelos. Mas a cobra, sim! A bicha finalmente se mexeu: ergueu um pouco a cabeça, abriu os terríveis olhinhos rasgados e pôs a língua bifurcada pra fora da boca, vibrando-a. “Tá viva, Deus do céu, tá viva mesmo!!! E agora, o que é que eu faço?!” , indagava-se em agonia enquanto encarava a serpente, ambas absolutamente mudas, gélidas e, novamente, imóveis.

A partir daquele momento o egoísmo se instalou na moça, visto que foi quase irrefreável a sua vontade de sumir dali, a despeito do perigo que deixaria para trás, ameaçando quem se avizinhasse daquela maldita varanda. Mas Hilda não fugiu.

A víbora se posicionara estrategicamente entre a rede e a porta do salão, numa varanda alta e gradeada, que se projetava sobre a garagem. Se Hilda resolvesse fugir, teria de pular lá embaixo, mas certamente quebraria as pernas e se feriria nos espinhos, pois uma enorme jardineira de coroa-de-cristo ficava junto às grades da varanda. Havia outra opção, de pulo menor, que implicaria em entrar na casa pela janela da sala de jogos, aberta logo atrás da rede de Hilda. Essa alternativa deu-lhe uma idéia: “os tacos de bilhar!! Santo Deus, eles serão a minha salvação! Como não pensei nisso antes?!”

A mesa de sinuca ficava junto a tal janela e talvez ela pudesse pular lá dentro e apanhar um taco, que serviria de lança. Alegrou-se com a idéia da arma e resolveu partir para a ação. Seu sangue voltou a esquentar e a dar-lhe confiança. Deu-se conta de que era forte e sentiu orgulho de si e da decisão de enfrentar – pela primeira vez na vida – um perigo real. Depois do susto com a lagartixa quase esmagada, nunca mais enfrentara nada. Até porteiro do prédio ela já havia chamado para livrá-la de uma barata. O zelador também fora incomodado certa vez, por causa de uma negra mariposa que parecia um morcego. “Que progresso!!!” Exclamava em pensamento a heroína recém-empossada. “É agora ou nunca!!!” – decidiu-se.

Sem deixar de fitar a oponente e com todos os pêlos do corpo eriçados feito agulhas, Hilda pôs em prática seu plano. Mexendo um músculo de cada vez, prendendo a respiração o mais que podia, mas tremendo muito, foi tirando devagar uma perna da rede. Não percebendo reação na inimiga, tirou a outra perna com a mesma cautela. Sentia o coração na boca quando se ergueu, descalça e de bermudas, tão perto de uma cobra. Determinada a não dar as costas ao bicho – nem que fosse necessário se contorcer como as chinesinhas do circo – tratou de andar de fasto, deslizando e ganhando um centímetro por vez. Prendeu tanto a respiração que aqueles três metros entre a rede e a janela pareceram-lhe três longos quilômetros. A tática de deslizar em vez de andar parecia dar certo, pois a cobra não se mexia. Como a janela estava aberta, conseguiu alcançar um taco, sem sequer precisar pular para dentro da sala. Aí a coisa mudou: com ele nas mãos, sentiu uma fúria bestial e, num

ímpeto (que só poderia ser explicado pela extraordinária quantidade de adrenalina que o perigo injetara em seu organismo), venceu em segundos o espaço que a separava da cobra e investiu sobre ela, num **zapt** fenomenal. Usando a parte mais grossa da clava, atingiu a adversária na coluna. Gravemente ferida, a cobra meteu-se de súbito no canteiro de coroa-de-cristo. Agitadíssima Hilda mais parecia uma guerreira da idade da pedra-lascada, com o tacape na mão enfrentando um *Tiranossauro Rex*. Ensandecida, desferia golpes de taco na planta para que a cobra saísse para morrer de vez. E foi o que se deu. Assustado, o ofídio tentou outra via de fuga, mas aquele não era o dia da caça. Ao sair do espinheiro encontrou Hilda toda desgrenhada, que o atingiu várias vezes... e a bicha espichou.

Se o coração da cobra parou, não se sabe com certeza, mas tudo indicava que sim. O de Hilda, contudo, nunca batera tão velozmente. Ela estava à beira de um colapso quando viu lá embaixo o seu tio, pegando uns espetos de churrasco na garagem dos Veríssimo. Ele também a viu e acenou-lhe, sorrindo. Gesticulando como náufraga, a moça pulava e, com braços e mãos sinalizava para que ele se aproximasse. Preocupado, largou os espetos: “o que houve, Hilda?”, perguntou lá de baixo. “Cobra, tio, uma cobra enorme”, disse pronunciando cada sílaba de forma bem aberta, a fim de permitir leitura labial. Ele logo entendeu, não apenas pelo modo como a sobrinha mexeu os lábios, mas também porque ela ondeou o braço, serpenteando-o no ar. O homenzarrão de quase dois metros virou-se para os sobrinhos lá em sua churrasqueira e ordenou: “tragam o meu revólver! Corram! A Hilda está pedindo socorro; parece que tem uma cobra na varanda do Veríssimo”. Em segundos os primos acorreram, prontos para a guerra. Apareceram desde paus e pedras, até pistola de uso exclusivo das forças armadas – um dos convivas era coronel reformado. Os primos chegaram ofegantes. Um deles parecia o D. Quixote, em carne e osso (mais osso que carne, diga-se de passagem). Alto e esquelético, lá vinha o Pedro com um espeto de churrasco em riste.

Aliviada com a manifestação de solidariedade e mais segura, Hilda começou a achar cômica a cena. “Só faltam as fardas esfarrapadas do incrível exército de Brancaléone” pensou ela, rindo-se por dentro. Uma vez que a cobra voltara a seu real tamanho, quem cresceu foi Hilda, achando-se mais que Dulcinéia, era quase uma Anita Garibaldi.

Já na varanda, o batalhão se deparou com uma prima de peito cheio, em pose vitoriosa ao lado da cobra. “Nooossa, Hilda! Você matou uma jararaca?!”, alguém exclamou com o maior espanto. “Matei! Matei sozinha! E por acaso eu podia ir embora correndo, deixando esse perigo solto por aqui?” Ao falar, forçava ao máximo as cordas vocais para que fosse ouvida. Afinal, sentia que aquele era o seu momento e que deveria aproveitá-lo ao máximo. Por isso, ironizando os presentes, acrescentou: “Matei messssmo e não precisei deste arsenal todo aí de vocês, seus valentões. Desse jeito, qualquer um pode, meus caros, mas queria ver se tivessem de encarar a cobra só na raça, como EU encarei essa bicha aí.” Diante de caras de espanto e de mudas bocas abertas, ela insistia na ironia, esperando ser aclamada como a nova Joana D’Arc. Os elogios vieram e ela se empolgou tanto que nem cuidou mais da cobra, jazendo ali a centímetros de seus pés descalços.

Porém, o estado de euforia em que Hilda se encontrava foi interrompido por uma doída picada no seu pé. Instantaneamente a adrenalina – que ainda tinha em todas as suas veias e artérias – provocou uma espécie de explosão, fazendo com que a moça berrasse mesmo sem voz. Dizer que aquilo foi berro é pouco. Na verdade ela urrou algo mais que gutural, um som que deve ter subido das entranhas, já que as cordas vocais... bem, essas vocês já sabem em

que estado se encontravam. Naturalmente o urro gelou a espinha de todos. Mas assim que se recompuseram, constataram que a serpente não apenas *parecia* morta; estava mesmo finada, ou melhor, finadíssima. A atacante desta vez era apenas uma saúva que – irada com tanta gente pisando em sua trilha – picara o dedão da nova guerreira.

As expressões de admiração pela coragem da prima foram imediatamente substituídas por deboches. Todos se sentiram no direito de caçoar da moça, que foi submetida a uma saraivada de ironias do tipo: “Ah! Então é essa a sua valentia, hein...?!” “Cadê a bravura, *fia*?”, “Enfrenta uma jararaca e se borra por causa d’uma formiguinha à toa?”, “Então a heroína da serpente morre de medo de saúva?” Mesmo em meio à risada geral, ela se recompôs e, como não era do tipo de passar recibo e como gostava de dar a última palavra, encerrou a conversa com um enérgico:

- AFINAL, NINGUÉM É PERFEITO, NÉ GENTE?!



Planta sem raiz

Maurício de Sá Malfate

Já era meio dia quando chegou ao estacionamento que ficava na esquina de duas ruas bem movimentadas, no centro de Aracaju. O olhar baixo raramente se elevava à linha do horizonte e não parecia tratar-se de timidez ou de tristeza. Com voz contida e trêmula perguntou ao manobrista pelo Sr. Josemar, o dono do estabelecimento. O homem não estava, mas devia retornar em alguns minutos. Após franco titubeio decidiu-se por aguardar sentado no banco de madeira que se avistava ao fundo do pátio. O sol a pino castigava-lhe o rosto e o suor escorria como vertente de um córrego; não se sabia se de calor ou como resultado de seu estado de nervos.

Saíra de São Paulo na noite anterior e, embora de avião, o desconforto da ansiedade e da incerteza não lhe deixaram pregar os olhos durante a viagem. Não se permitia explorar, sequer visualmente, o espaço que o envolvia. O aperto no peito encerrava sua alma curiosa. O coração parecia bater desordenado na intimidade do desconhecido. Pensava em sobressaltos: “Agora vou até o fim”. Em seu traje sóbrio, sobrava a discrição de quem parece não querer ser percebido.

De repente, se reconheceu no homem que adentrava o portão. Estranha e instantaneamente avançou trinta anos na linha do tempo. O homem falou com o manobrista que fez um meneio de cabeça na direção do visitante. Este, como num filme de ficção, se viu andando ao encontro de si mesmo. O outro caminhava em sua direção, exatamente como ele, com os pés entreabertos, nem calmo nem ligeiro e com ar preocupado.

A uns seis metros do rapaz parou e olhou fixamente para seu rosto. Seus olhos pareciam ter o brilho aumentado por uma lágrima contida. Então aproximou-se mais. Era o Sr. Josemar, como já o sabia em seu coração apertado. Sacou então da mochila a única foto que tinha de sua mãe e apresentou-a ao recém-chegado. Ele examinou aquele retrato de mulher ainda jovem e declarou não conhecê-la. Gentil, mas firme, Josemar explicou-lhe que

há quarenta anos atrás, se fizesse farras na pequena cidade de Altina, perdia seu emprego no Banco do Brasil. Contou que tinha uma namorada, hoje sua esposa, em Aracaju e ali é que se divertia nos finais de semana.

Na intimidade da certeza de que Josemar era seu pai, o nó da decepção calou-lhe a garganta. Recolheu a foto na mochila que colocou nas costas e rumou para o aeroporto, de volta a São Paulo.

A esperança que buscou em Aracaju, morreu lá mesmo, mas a dúvida quanto ao seu elo perdido permaneceria para sempre, pois nunca se conformaria em ser pai sem ter experimentado a sensação de sentir-se filho.



Cunhado querido

Irene Thal Brambilla

O telefonema parecia surreal. Não era possível. Parecera para ela um pesadelo. Não podia ser. Como? Por quê? Sonia telefonara tarde da noite e perguntara para Duça se estava sentada. Pela pergunta, Duça já imaginou que lá vinha bomba. Só não tinha idéia de que o estrago seria tão grande. A interlocutora disse então que o cunhado, marido de Ingrid, irmã de ambas, acabara de falecer. Então elas com seus maridos marcaram de se encontrar na casa de Ingrid, a irmã que acabara de ficar viúva, mas ainda não estava a par do que ocorrera. A chegada inesperada de tantas pessoas, àquela hora da noite, com semblantes estranhos, somada ao longo atraso do marido, fizeram com que Ingrid percebesse que algo grave havia acontecido. Coube a Sônia e Duça comunicar o triste fato à jovem viúva, então com 28 anos. Foi um momento angustiante e traumático que ficou na memória da família por muito tempo.

Francisco Horácio, chamado Guiga por todos, era um homem trabalhador, honesto, sorridente, empinava pipa com os filhos e amava a esposa. Era motorista particular da diretoria de um grande banco. Ao fazer o caminho de volta do trabalho para casa, fora interceptado por um veículo de onde saiu um indivíduo que disparou seis vezes. Ele fora atingido duas vezes na testa, duas vezes no coração e duas vezes no braço. Como tivera treinamento anti-sequestro ainda movimentou seu carro para sair da emboscada onde estava. Mas não teve a menor chance ante a perícia de seu algoz.

Ingrid teve sua vida totalmente esvaziada, não tinha forças de voltar para casa. Não conseguia fazer nada. Seu mundo ficou restrito aos filhos então com onze, seis e seis, os caçulas eram gêmeos. Mas desejava também esclarecer tudo aquilo, por que assassinaram seu marido. Depois de um tempo e, através de investigações particulares, soubera que outro homem, com um carro igual e no mesmo local, fora morto nas mesmas circunstâncias que ele. Então ficou claro que seu amor fora morto por engano aos 34 anos de idade, deixando uma jovem viúva, de vinte e oito anos, e três filhos menores.

Ingrid era a sétima numa casa com oito filhos. Duça e Sonia, por serem as mais velhas, tinham por ela carinho de mãe, uma vez que cuidaram dela quando bebê. Hoje, e através

do kardecismo, Ingrid parece ter superado aquele fevereiro de 1999. Todos os seus irmãos, cunhados e filhos, tentam fazer com que esse fato triste seja, para sempre, esquecido. Como o Guiga era muito querido e alegre, todos procuram se lembrar dele nas coisas boas e isso é uma boa ajuda para toda a família.



Reflexo, ponto de partida

Mariana Mendes

Depois de estacionar o carro na rua de baixo ela caminhou, parou uns instantes olhando para os lados, tirou os óculos escuros e entrou, sentou-se linear à parede sem se fazer notar. Colocou sobre as costas da cadeira seu casaco preto, desapertando os pés nos sapatos. Tirou do bolso seu Benson e o acendeu.

Era de estatura mediana, pele clara, dedos finos, unhas pintadas numa cor cintilante. Suas mãos conduziam o cigarro da boca para o cinzeiro, do cinzeiro para a boca em movimentos lentos, mas apreensivos. Trazia os cabelos presos por um arco dourado e a camisa num azul-cinzado. Desabotoou o colarinho, tirou o lenço que lhe envolvia o pescoço e pediu uma Norteña, “por favor, no balde com gelo”, reforçou no pedido.

Uma luz de intensidade baixa circundava o salão do “pub”, cores e tons amenos ornavam com composições de castanho-amarelado, o espaço relativamente vazio de vozes e rostos, mas que se preenchia com decorações de pinturas e fotografias antigas.

Do outro lado da rua, a movimentação não cessava, passos apressados, esbarrões, atropelos na calçada. Passantes oriundos de todos os cantos e outros sem canto algum. E na mesma calçada, mais à frente, uma esquina que fazia encontro da rua do “pub”, onde ela estava, com a avenida principal.

A moça observava a movimentação, compenetrada. Às vezes trocava as pernas em movimentos miúdos, apoiando os braços sobre a mesa. Aos poucos as horas da tarde se esgotaram.

Os passos diminuía na calçada, no contorno com a esquina. “Que horas são?” Ela pensou olhando em direção ao pulso, “Meu Deus, será que os ponteiros correram demais ou eu dormi de olhos abertos?”

Um garçom limpava os adereços do salão. Ela relaxou os ombros e a ponta dos pés... “Mais uma Norteña, por favor!”

A noite imperava quase que total, sozinha, porque sem estrelas, sem lua, sem nuvens no céu.

A esquina, tão badalada pelos passos anônimos, ganhava agora a singularidade de um olhar feminino e de um corpo exposto, com pequenas vestes. Meias arrastão na altura das coxas, cabelos rubros caídos nos ombros, soltos em movimentos calculados. Um corpete de veludo anil, braceletes ruidosos e perfume de alfazema no busto.

É possível arriscar tratar-se de uma Vênus na Terra? Numa esquina como aquela?

Ora a musa da calçada desfilava, ora parava restaurando microminúsculas da maquiagem do rosto...

Na esquina o tempo corre, mesmo quando parece estar parado. Um menino morador de rua pára no poste e passa um embrulho para o outro que avisa do recebimento e repassa para um terceiro. Contrabandos e drogas são comuns em centros como aquele. Nada surpreende a vizinhança, mas a segurança de ronda no local, surpreende quando não tira a sua cota de participação na jogada.

O bar começava ganhar a cara da noite. A moça do bar acendeu mais um cigarro, e a mínima luz da chama de seu isqueiro fora refletida no espelho disposto em diagonal a ela. O objeto estava sendo ajustado pelo funcionário. A gargantilha da meretriz adquire um brilho intenso que não lhe era próprio, curiosamente o feixe de luz que dera brilho na corrente, vinha de dentro do estabelecimento no momento em que o rapaz ajustava o espelho. O rapaz volta-se para a moça do cigarro, mas ela não estava mais sentada. Ele percorre com os olhos o espaço do “pub” e depois faz o caminho até a mesa onde ela estava. Ali encontra algumas notas e um bilhete e em que se lia “Obrigada, fique com o troco”.

Na direção dos fundos está entreaberta a porta que dava saída para a rua de baixo, ele vai à frente do bar e observa um carro que pára na esquina. Uma mão acena à Vênus, que sorri e entra.

A fumaça do escapamento sobe, o carro corre com a ponta de um casaco preto para fora, a noite ouvia o grito dos pneus no asfalto.



A decisão mais acertada

Márcia Stamato

Os cabelos lisos lhe caíam sobre parte do rosto atravessando meia testa e encobrendo, transversalmente, desde o olho esquerdo até a orelha. O bem definido nariz ficava em evidência, não apenas por causa da luz que sobre ele incidia – oblíqua naquela hora –, mas também pelo fato de meio rosto estar oculto. Eram poucos os vincos, marcantes os traços, a cara máscula, de expressão radiante. O tronco nu mostrava quanto o sol bronzeara e curtira sua pele, uma espécie de troféu dado pela vida livre. O pescoço largo ostentava uma porção de colares, um dos quais muito vistoso e comprido, feito de inúmeros fios de miçangas. Os outros, mais curtos, eram ornados de sementes e de presas de animais. Trajando unicamente uma velha e surrada bermuda de sarja bege-escuro ou cor creme-encardido (no mesmo tom de seu bronzeado), a figura daquele homem seria monocromática, não fosse seu colar de miçangas azuis. Com o olho não submerso sob a franja, mirava encantado o balé das águas sendo rasgadas pelo movimento da canoa que acabara de partir, levando seu irmão e amigos.

Não se movera da margem: queria prolongar a despedida, observando a canoa insinuando-se rio abaixo. Sentia prazer em desfrutar daquele entardecer. E por ali permaneceu, só e pensativo, numa postura que lembrava um pacote: acorçado, equilibrava-se com os braços envolvendo as pernas postas junto ao tronco, as mãos fechando-se à altura

dos joelhos, numa espécie de abraço. Os pés ficaram refrescando-se na lama. Que delicioso momento aquele, ali na margem, com a água cobrindo e descobrindo seus dedos e a terra se enfiando entre eles. Ondinhas acariciaram por uns momentos seus pés, num ir e vir manso e gostoso de sentir. O homem quedara absorto neste prazer, logo substituído por outros, olfativos e visuais: devorava os cheiros doces da mata e do rio, admirava na água os reflexos do poente, em que faiscavam intensos tons dourados. Depois a água, como o céu, foi ficando alaranjada, rosa, lilás e púrpura, cada vez mais púrpura. Guloso daquela natureza, foi ficando. Para além da outra margem, as árvores se adensavam, cobrindo tudo de uma infinidade de tons verdes, que também se tornavam mais e mais escuros à medida em que o tempo passava. Os pássaros já procuravam refúgio e vinham em bandos para os galhos deste lado e do outro. Era grande a algazarra das aves, arrelhando umas com as outras enquanto se acomodavam nos ninhais. Da canoa, só um risco se via, lá adiante perto da curva, onde ela finalmente sumiu.

As ondulações na água deram lugar à costumeira placidez. Logo os reflexos não bailavam mais à tona. Tendo a luz se retirado, as sombras cobriram as águas, até tomá-las por completo. O perfume da flora se acentuava com a umidade da noite recém-chegada e o silêncio começava a se impor, agora que as aves já se haviam ajeitado. Apenas um casal de araras azuis ainda não se aquietara e, atrasadas para a hora do recolhimento, passaram grasnando pelo homem ensimesmado, rumando à outra margem. O inconfundível piado tirou dele a concentração nos detalhes do rio e da floresta. Então pensou em como as araras formam casais unidos e companheiros para toda a vida.

Assim como a embarcação que partira, seus pensamentos também viajaram. Foram até São Paulo, até a clínica onde Marina trabalhava. Lembrou-se de como ficara impressionado com aqueles olhos negros e meigos, ocupados com as fichas dos pacientes, na ante-sala do médico com quem ele, um dia, marcara consulta. Ainda bem que sua enfermidade fora séria e o forçara a voltar várias vezes ao consultório, dando-lhe preciosas oportunidades de conversar com Marina. Maroto, aproveitara estas chances chegando propositadamente cedo para os controles. Como se não bastasse, torcia para que o doutor se atrasasse e, assim, colaborasse para que os dois pudessem ter mais tempo juntos. Numa destas ocasiões ele sugerira a Marina que considerasse a hipótese de assumir a enfermaria do posto, onde fazia enorme falta uma profissional com as qualificações dela. Então lhe pareceu que o par de olhos negros se iluminou com a sugestão... e que faiscou. Será que viu direito ou teria sido apenas uma impressão, condicionada pelo encanto que Marina provocava nele? Que bênção ter adoecido para poder conhecê-la naquela clínica! E que dádiva ela ter se entusiasmado com a idéia de vir ao Xingu. Será que gostaria da simplicidade daquela vida? Quem dera viesse para ficar! Quem dera ficasse com ele, pra sempre...

Suspirou profundamente e pensou que sábio é quem dá um passo de cada vez. O que importava naquele momento era que Marina viria e que em pouco tempo estaria por ali, assumindo experimentalmente o cuidado com os enfermos, vacinando crianças e velhos, sendo parteira nos casos difíceis e, se tudo corresse como ele esperava, logo ela se fascinaria com a inigualável magia do lugar e com a meiguice daquele povo. Caso gostasse do trabalho e aceitasse se fixar por aquelas paragens, isso já seria uma vitória. Outra vitória, uma vez que sua promessa de vir fora o primeiro êxito da estratégia de Orlando para aproximá-la de si. – É, as coisas estavam indo bem e o resto viria aos poucos – disse, satisfeito e

convencido de que tudo caminhava rumo a contemplar suas expectativas. Só então voltou a pôr tino no ambiente, dando-se conta de que um sutil prazer local começara novamente a invadi-lo. O novo gozo não fora provocado nem pela audição – já que o silêncio finalmente tomara conta das árvores – e nem pela visão, que àquela hora já não distingüia muita coisa. Mas as narinas... humm, essas tinham fariscado algo muito bom e, imediatamente, haviam mandado mensagem à língua. Despertara da letargia.

Mandiocas! O perfume do tubérculo abriu-lhe o apetite. Atentando novamente para os cheiros, pode sentir muitos deles: milho e beiju assando, lenha em brasa. Esta última cheirava mais forte que tudo mais. Enquanto os aromas dos alimentos eram delicados, as brasas produziam fumaça cujo cheiro começava a chegar às golfadas para os lados do rio. O frescor da noite era muito bem vindo e o homem teve vontade de tomar um banho antes do jantar. Mas o rio já estava negro e ele, prudente, achou melhor não mergulhar. Catou uma cuia feita da metade d'uma cabaça (que sempre ficava largada por ali para ajudar a lavar os curumins mais miudinhos e a encher jarros). Lavou-se como deu, servindo-se da cuia. “Banho de gato” – pensou, enquanto corria as mãos por braços e pernas a fim de ajudar a secagem do corpo.

Dando as costas para o rio, dirigiu-se à aldeia. Assim que o avistou, Ipuarã ergueu-se e foi ao seu encontro sorrindo aquele riso franco e generoso, em que faltava um dente bem no meio da boca, perdido quando o amigo resolvera quebrar a dentadas umas taquaras duras demais que não quebravam nem nos joelhos. Era pura ternura a desprender-se dos gestos daquele homem, jovem e vigoroso, vindo ter com seu amigo. Ao chegar, passou-lhe os braços ao redor do pescoço e apertou-o como quem dá uma gravata. Uma gravata de camarada. Depois, largando o afetuoso aperto, o índio passou o braço esquerdo pela região da nuca de Orlando, largando-o ali estendido de uma espádua a outra. O sertanista, por sua vez, envolveu Ipuarã pela cintura e, abraçados, seguiram rumo à fogueira.

Sentados lado a lado, comiam e gracejavam com os curumins. Quando riam, o índio largava a cabeça no ombro do sertanista e aqueles cabelos lisos, cortados em formato de tigela, faziam-lhe cócegas na pele. O incômodo não era grande a ponto de fazê-lo afastar-se do aconchego. Conversavam, comiam e riam com os outros, falando-se mais por gestos e olhares que por palavras. Estas não são o elemento mais importante para que homens, de raças e idades diferentes, se entendam. Quando as mulheres se juntaram a eles, Orlando voltou a pensar em Marina e em como sentia falta de outro tipo de ternura, de um afeto muito diverso deste que sentia pelos amigos da aldeia. Faltavam apenas três semanas para que ela chegasse ao posto e eles seriam, antes de tudo, muito bons amigos. Não, não apenas isso. Haveria algo muito mais profundo, algo que duraria uma vida. Foi exatamente neste momento que Orlando tomou a decisão mais acertada de sua vida: casaria com Marina. Seria lá, na beira do rio onde estivera até há pouco pensando nela, que ele haveria de encontrar a ocasião de pedir que ficasse com ele, para sempre no Xingu.

Muito tempo correu desde a tomada de tal resolução. Os dias e meses foram passando... mas sempre lhe faltava coragem de tocar naquele assunto sobre o qual matutava quase todos os dias. Freava-o uma única coisa: como pedir a uma moça bonita da cidade grande, formada e competente, que largasse todos os confortos que outros sítios prometiam, para constituir família no meio do mato? Seria justo? Mas como tudo o que tem de acontecer um dia acontece e como Orlando observou que Marina fora ficando e ficando, cada vez mais entrosada com a faina nas aldeias, cada vez mais encantada com a suavidade daquele povo, finalmente tomou

coragem. Num fim de tarde mais magnífico que os de costume, chamou-a para conversar à beira-rio. Foram acompanhados apenas por um bando de pequenas borboletas amarelinhas, que esvoaçavam sobre as poças, pra cá e pra lá. Neste cenário Orlando achou as palavras certas, aquelas pelas quais Marina há muito vinha esperando. E a amizade virou união tão bela e duradoura quanto a das araras azuis.



Aurora, deslocamento ocular

Mariana Mendes

Tirou a passagem do bolso, preencheu os dados de identificação no canhoto. Subiu no ônibus com um ar levemente indiferente, inteiramente discreta. Unhas escarlates com um cintilante sutil.

Pegou a estrada às seis da manhã, preferira esta hora para evitar a movimentação que sempre ocorria na rodoviária aos finais de dezembro. Fazia na época um calor tremendo e certamente, antes das dez horas o sol já estaria bem posto no céu paulistano.

Deixaria o embarque num quarto de horas, ansiava por chegar ao destino, longe de tudo que estava acostumada a sentir. Pegou uma aspirina na mala de couro e tomou com um pouco d'água, estranhou seu organismo, em pleno calor sentiu um resfriado e um leve mal estar também lhe tomava o corpo...

Precisava se esquecer, ser esquecida... ir-se como anônima que jamais cruzará o caminho dele, este alguém marcante e de rara inteligência. Não queria aquela genialidade infrene, mas forçosamente modulada em conhecimentos aristocráticos e ela não precisaria ser tão intelectual só para parecer mais atraente entre os amigos que ele tinha... "Você era demais para mim, excessivamente perfeito. Eu culpava as combinações astrológicas de seu mapa, mas de fato era a educação politicamente cristã que o fazia assim. Seus bons costumes na mesa do almoço, sua atenção concentrada nas notícias de jornal do dia, seu idioma fluente, na ponta da língua... que coisa, era você sussurrando o bom inglês no meu ouvido".

"Agora estou aqui nesse ônibus, (ela faz menção de sorrir) porque tenho medo de vôos pela manhã e detesto as esperas intermináveis de Congonhas"...

Sentindo-se cansada, olhava pela janela do ônibus em movimento e ia se esquecendo de seus pensamentos, deixando a cada quilometro a sensação de perda que aquele ser único havia deixado em si.

"Entregava suas emoções, em troca do quê?", pensava. "Alguns textos de Horácio? Uma boa filosofia socrática?"

"Eu olhava sua arrogante inteligência com grande vontade de devorá-lo inteiro, tomá-lo nos meus braços e arrancar aos dentes toda a unidade mental que você detinha com rara sabedoria. Desfiaria em pedaços todos os seus termos polidos. Queria ouvir você gemendo de prazer e não suas frases bem educadas de diplomata inglês, queria você enlouquecido pelo meu cheiro, eu precisava da sua brutalidade sensível, eu precisava disso! De você, somente..." . Ela pensava enquanto o ônibus corria e o vento emaranhava

seus cabelos tingidos.

Então, abriu a mala e pela janela lançou livros de Descartes e também de literatura romântica, deixava voar textos soltos de Platão. Criara com as palavras dele, a sua realidade, mas não se perguntou um dia sequer, se isso lhe daria prazer...

Olhou para o lado do corredor e ficou observando um casal que se atracava aos beijos e abraços. Diante da cena, Júlia levantou-se e parou à frente deles. Havia muitos bancos vazios, mas se estivessem ocupados, dificilmente teria visto os passageiros, devido à cólera que lhe tomava os olhos. Ficou parada por alguns minutos, até que os dois a percebessem e então, educadamente, perguntou:

- Senhorita, se importa se eu beijar o seu rapaz agora?

(A placa "SIGA", indicava na estrada).

A namorada olha desentendida para os lados do ônibus e só vê, no último banco, um senhor de idade dormindo.

- O quê? Você perguntou o quê?!

- Eu perguntei se posso beijar o rapaz ao seu lado.

- Em que país você acha que está? Ele é meu noivo! Você enlouqueceu?

- Não, mas gostaria... E se não se importar, também beijaria você.

- Desculpe moça, disse o rapaz, não fazemos "swing" ...

- Não meu caro, ainda estamos só no beijo, quem propôs o prazer grupal foi você, então...?! Ela instiga.

- Você não é normal, sua louca!! Tarada!!!! - disse a namorada.

- Moça, acho que você deve se sentar, você parece um pouco alterada...

- Não, estou muito bem. Você sente algum cheiro de álcool no meu corpo? Abaixou levemente a alça da blusa de cetim púrpura inclinando-se para a frente dos dois.

A namorada levantou-se para chamar o motorista, mas o rapaz puxou-a pelo braço para evitar escândalos. Júlia voltou a se sentar em sua poltrona, mas já despertara a ira da garota, que pula na frente dela e lhe dá um belo tapa na cara e outro mais forte.

Entre os tapas e sem os beijos da namorada, o rapaz tenta domar as mulheres, mas estas parecem ser mais fortes que ele.

- Se houvesse amor nessa violência, eu teria me apaixonado por você, disse Júlia quase desmaiando com as pancadas da garota.

- Você está maluca, sua ...!

- Se pudesse ser inteligente e ao mesmo tempo irracional, eu teria me apaixonado por você, continuava Júlia.

- Esta mulher está dopada! ...

- Fico pensando na sua cara dura, quando souber que não estarei em casa no Ano Novo...

- Parem! Grita o rapaz, com rubor nas faces...

Logo o silêncio voltou. O ônibus continuava seu curso, abrindo caminho, redescobrendo olhares, para quem nele seguia. Júlia não retrocedeu, mistos contrários a perseguiram, ela seca os olhos e fumaria um *Carlton* na próxima parada.



O parto

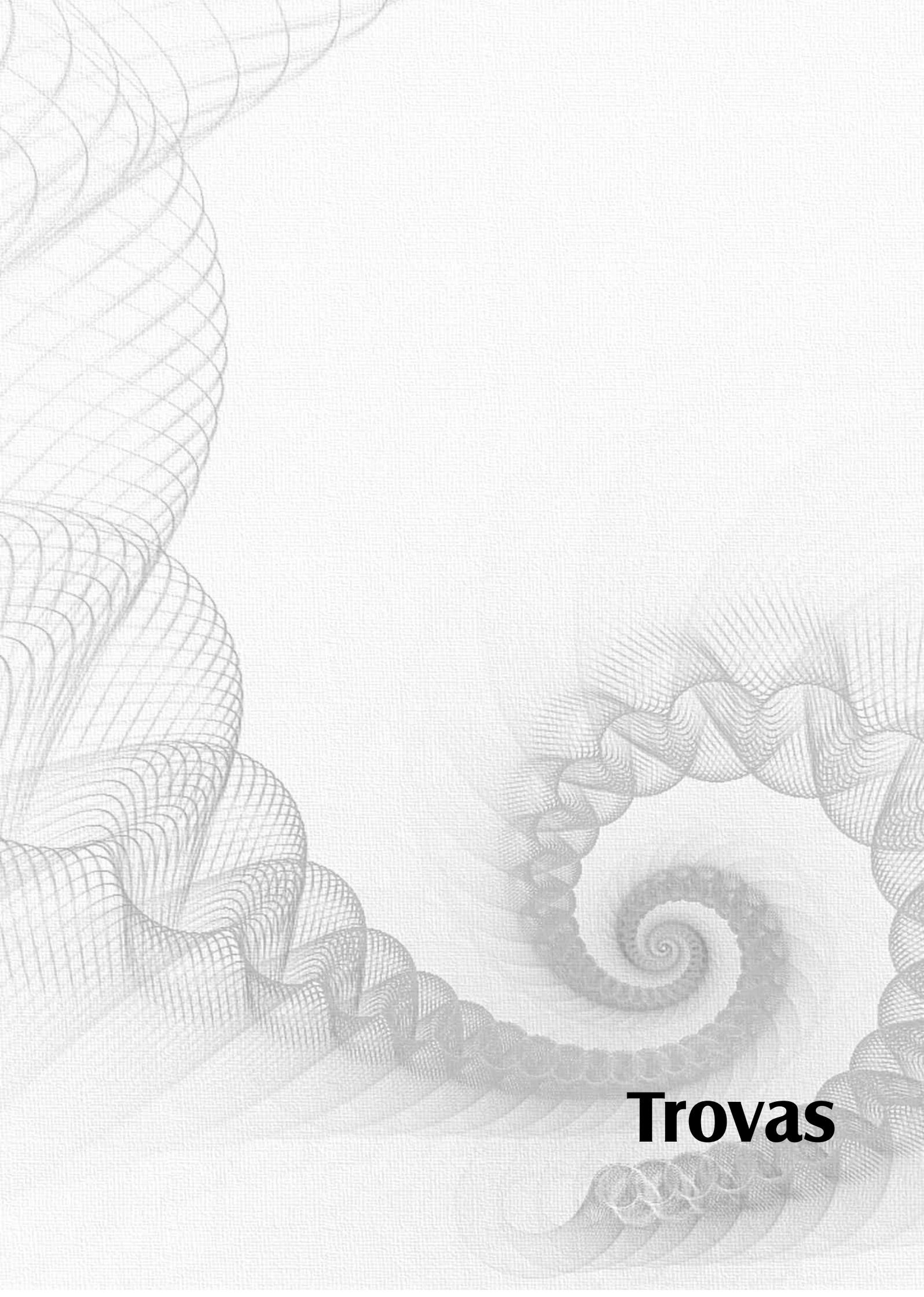
Irene Thal Brambilla

Era início dos anos 80. Estava frio. Ela acordara com uma colicazinha chata, fora ao banheiro e descobrira uma pequena mancha em suas vestes. Esta era sua primeira gravidez por isso estava meio assustada. Não entendia como se podia gerar uma vida, uma nova vida dentro dela. Escolhera o marido e ficara grávida no mesmo mês que assinaram juntos o contrato de compra e venda do lote, onde seria construída a casa, na qual viveriam até se separarem, vinte e cinco anos depois.

Percebendo que o pequeno ser já estava maduro para nascer e deveria vir à luz a qualquer momento, começou a arrumar a mala. Seu marido, pai de primeira viagem também, não foi trabalhar naquele dia, tão ansioso estava. Conversaram, ouviram música, ponderaram até o momento de, finalmente, irem para a Maternidade. No caminho, o marido perguntava se estava tudo bem, ou então, se devia ir mais devagar. Ao chegarem, se cadastrou, foram para o quarto e então começou o entra e sai para fazer exames, estourar a bolsa, aplicar soro, medir a barriga, até verificarem a impossibilidade de que fosse parto normal. Acabou sendo um parto por fórceps, de um menino de 49 centímetros, pesando 3,26 quilos. Ela não ganhou na loto, mas levou treze pontos. Foi difícil, temera que algo desse errado. Pedira aos céus que a abençoasse e agradeceu por ter tido um filho tão perfeito.

Depois de uma noite extenuante e dolorosa, ainda conseguiu sorrir aos visitantes que traziam flores e outros presentes. O fato é que seu presente maior era justamente o motivo de estar ali com seu filho. Receara não poder vivenciar a maternidade, por isso no dia que soube da gravidez descobriu também que o mundo não era cinza e sim colorido, multicolorido.





Trovas

Trovas

Eliseu Visconti Neto

Oficina da Escrita.
Patrocínio "ielepê."
Para se julgar escriba,
É preciso aprender...

Deus é um cara bondoso,
E só nos mandará ao céu,
Caso tenhamos escolta,
Da **professora Isabel**.

O Altíssimo bem sabe
Que o seu porteiro é tihoso,
Por isso, exige da mestra
Um serviço primoroso.

Assim começou a festa.
Co'os textos de opinião.
Os colegas se espalharam,
E entraram em ação.

O **Gaspar** compareceu,
Com texto claro e enxuto.
Mostrou, em poucas palavras,
Que é um sujeito arguto.

O **Eliseu** revelou
Aos que estavam na canoa,
Que se deve apoiar,
Em Mestres como o Pessoa.

Fernandinha piscou muito,
E pôs-se logo a escrever,
Com sua letra miúda,
Parecia reviver.

O seu lápis mordiscando,
Vanessa era toda sonhos,
E ao recitar, compassada,
Mostrava um olhar tristonho.

Contrastava com a Márcia,
 E com sua exuberância.
 É preciso sacudir,
 Mas sem perder a elegância.

Prosseguimos com os contos,
 E ninguém desafinou.
 Co' os conselhos de Isabel,
 A turma pontificou.

Vejam só que belo exemplo,
 Dá-nos o velho Isaac.
 Criativo e competente,
 Mostrou-se autêntico craque.

A Bia estava cismada,
 Mas logo arrumou um Norte.
 Fez coisa muito aprumada,
 E logo mostrou que é forte.

Mariana, interessada,
 Mostrou que quer aprender,
 Mesmo sabendo que é árduo,
 O ofício de escrever.

Eu acho que o Caetano
 Pensava na nossa Irene,
 Enaltecendo a risada,
 Que fez a Musa perene.

Nilda, uma grande colega,
 E não pouca experiência,
 Foi um modelo prá classe,
 Co'a sua grande vivência.

Arlety, budista de escol,
 Representou a colônia,
 Que tanto nos enche as vidas,
 aquele Império do Sol. (faltou o Nascente, "sorry")

Na lista que tenho em mãos,
 Só faltou o Everaldo,
 Um valoroso soldado,
 Deixou positivo saldo.

E assim, meus caros colegas,
Em três meses, meros instantes,
O Olimpo ocupamos,
Nós, divinos habitantes.

Quem não gostar da facécia,
Conte outra, por favor.
Mesmo os poetas malditos,
Sentam à mesa do Senhor.

